



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE MATEMÁTICA
CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

SILVESTRE SANTOS DE FARIAS JÚNIOR

**A Educação Financeira no Ensino Fundamental: relevância, críticas e proposta
de atividades**

Maceió
2025

SILVESTRE SANTOS DE FARIAS JÚNIOR

**A Educação Financeira no Ensino Fundamental: relevância, críticas e proposta
de atividades**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de
Matemática da Universidade Federal
de Alagoas como requisito para a
obtenção do título de Licenciado em
Matemática.**

**Orientador: Prof. Dr. Vanio Fragoso
de Melo.**

Maceió

2025

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Cláudio Albuquerque Reis – CRB-4 – 1753

F224e Farias Júnior, Silvestre Santos de.
A educação financeira no ensino fundamental : relevância, críticas e propostas de atividades / Silvestre Santos de Farias Júnior. – 2025.
69 f. : il.

Orientador: Vânio Fragoso de Melo.

Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Matemática) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Matemática. Maceió, 2025.

Bibliografia. f. 67-69.

1. Matemática. 2. Matemática financeira. 3. Educação financeira. 4. Ensino fundamental. I. Título.

CDU: 51.003

Folha de Avaliação

SILVESTRE SANTOS DE FARIAS JUNIOR

A EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO ENSINO FUNDAMENTAL: RELEVÂNCIA, CRÍTICAS E PROPOSTA DE ATIVIDADES

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora do curso de Matemática Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Matemática.

Banca examinadora:



Documento assinado digitalmente

VANIO FRAGOSO DE MELO

Data: 28/04/2025 10:43:32-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dr. Vanio Fragoso de Melo (Orientador)
Universidade Federal de Alagoas



Documento assinado digitalmente

CLAUDIA DE OLIVEIRA LOZADA

Data: 12/05/2025 14:34:19-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Cláudia de Oliveira Lozada
Universidade Federal de Alagoas



Documento assinado digitalmente

THAYS RAYANA SANTOS DE CARVALHO

Data: 28/04/2025 13:02:34-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Thays Rayana Santos de Carvalho
Universidade Federal de Alagoas

À minha avó, Severina Neres dos Santos Farias, mulher guerreira e amante da família. Seus cuidados trazem aconchego e o seu café me trazem excelentes lembranças.

À minha avó, Lenira Maria de Lima, mulher amável e cuidadosa que me instruiu na infância sobre o homem que deveria ser (*In Memoriam*).

A meu avô, José Pedro de Lima, influente em minha educação moral, me incentivou a ser melhor a cada dia. Além disso, sua generosidade deixou marcas em mim (*In Memoriam*).

A meu avô, José Santos de Farias, grande homem que me ensinou a valorizar e cuidar da família. Sua simplicidade me ensinou a tratar as pessoas com igualdade (*In Memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Ao encerrar esta etapa tão significativa de minha trajetória acadêmica, não poderia deixar de expressar minha profunda gratidão a todas as pessoas que, de alguma forma, desenvolveram papéis essenciais para que este momento se tornasse realidade. Assim, quero agradecer:

Aos professores do Instituto de Matemática da Universidade Federal de Alagoas, em especial aos professores que contribuíram significativamente para a minha formação: Juliana Roberta Theodoro de Lima, Claudia de Oliveira Lozada, Luis Guillermo Martinez Maza, Viviane de Oliveira Santos, Dione Andrade Lara, Paulo Roberto Lemos de Messias e Elisa Fonseca Sena e Silva (*In Memoriam*).

À Profª Drª Claudia de Oliveira Lozada e à Profª Drª Thays Rayana Santos de Carvalho pela rápida aceitação do convite para participarem da Banca Examinadora e pelos pertinentes apontamentos que engrandeceram este estudo.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Vânio Fragoso de Melo, que aceitou prontamente a incumbência de orientar a escrita deste trabalho acadêmico, tornando-o mais coerente e compreensivo.

Ao meu grande amigo e irmão, Cícero Torres, meu maior parceiro na trajetória acadêmica. Juntos sofremos as dificuldades do curso e de tantas outras intempéries acontecidas da vida. Lembro-me de cada conselho e experiência, bem como dos cafezinhos nos fins de tarde, tão essenciais para recobrar o foco nos estudos.

Aos meus irmãos, Laís Samara, José Pedro e Elanno César, por tudo que vivemos e vencemos juntos, e também por todo carinho e cuidados dedicados a mim.

Aos meus pais, Edna Maria e Silvestre Santos, que me proporcionaram a educação, os valores e os princípios morais que me tornaram o homem que sou hoje. Esta graduação é também fruto dos esforços e sacrifícios que eles fizeram a mim e aos meus irmãos.

À pessoa que me acompanhou em todo o percurso, minha amada esposa, Ana Kalyne, por seu incentivo constante, apoio incondicional e crença em meu potencial, mesmo em momentos de incerteza. Sua motivação foi essencial para que eu persistisse diante dos desafios, contribuindo diretamente para minha formação profissional.

“Qual de vocês, se quiser construir uma torre, primeiro não se assenta e calcula o preço, para ver se tem dinheiro suficiente para completá-la?”

Lucas 14,28.

RESUMO

O presente trabalho aborda a importância da Educação Financeira no Ensino Fundamental, destacando sua relevância para o desenvolvimento de habilidades essenciais que permitem a gestão consciente de recursos financeiros. O objetivo deste trabalho é analisar a importância da Educação Financeira no Ensino Fundamental. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com levantamento bibliográfico de documentos curriculares e literatura especializada, analisando como a Educação Financeira pode ser incorporada de forma eficaz no Ensino Fundamental. O estudo identifica críticas ao ensino tradicional da Matemática Financeira, destacando a falta de contextualização, a abordagem expositiva e a escassez de recursos didáticos adequados, que comprometem o engajamento e a compreensão dos alunos. Para superar esses desafios, o trabalho propõe o uso de metodologias inovadoras, como jogos, simulações financeiras e projetos interdisciplinares, que tornam o aprendizado mais relevante e prático. A pesquisa sugere que essas estratégias podem melhorar a compreensão dos conceitos financeiros, estimular o pensamento crítico e preparar os estudantes para tomar decisões financeiras conscientes. Por fim, o estudo ressalta a importância de uma formação contínua para os educadores e a necessidade de materiais didáticos que facilitem a aplicação prática dos conceitos financeiros, contribuindo para a construção de uma sociedade mais equilibrada e economicamente sustentável.

Palavras-chave: Educação Financeira. Matemática Financeira. Propostas de Atividades.

ABSTRACT

This work addresses the importance of Financial Education in Elementary Education, highlighting its relevance for the development of essential skills that allow the conscious management of financial resources. The objective of this work is to analyze the importance of Financial Education in Elementary Education. The research adopts a qualitative approach, with a bibliographical survey of curricular documents and specialized literature, analyzing how Financial Education can be effectively incorporated into Elementary Education. The study identifies criticisms of the traditional teaching of Financial Mathematics, highlighting the lack of contextualization, the expository approach and the scarcity of adequate teaching resources, which compromise student engagement and understanding. To overcome these challenges, the work proposes the use of innovative methodologies, such as games, financial simulations and interdisciplinary projects, which make learning more relevant and practical. Research suggests that these strategies can improve understanding of financial concepts, encourage critical thinking, and prepare students to make informed financial decisions. Finally, the study highlights the importance of continuous training for educators and the need for teaching materials that facilitate the practical application of financial concepts, contributing to the construction of a more balanced and economically sustainable society.

Keywords: Financial Education. Financial Mathematics. ActivityProposals.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Banco Imobiliário	43
Figura 2 – Jogo da Vida	45
Figura 3 – <i>SimCity</i>	48
Figura 4 – <i>Stardew Valley</i>	51

LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
Conef	Comitê Nacional de Educação Financeira
Enef	Estratégia Nacional de Educação Financeira
FBEF	Fórum Brasileiro de Educação Financeira
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	14
2. A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA	17
2.1. Algumas políticas para a Educação Financeira.....	17
2.2. Compreensão de conceitos básicos	21
2.3. Tomada de decisões financeiras responsáveis	23
2.4. Prevenção de endividamento	26
3. CRÍTICAS AO ENSINO ATUAL DA MATEMÁTICA FINANCEIRA	29
3.1. Falta de contextualização	29
3.2. Abordagem tradicional	32
3.3. Escassez de recursos didáticos	38
4. PROPOSTAS DE ATIVIDADES PRÁTICAS	42
4.1. Jogos de tabuleiros e jogos eletrônicos.....	42
4.2. Projetos práticos	54
4.3. Visitas a instituições financeiras	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	67

INTRODUÇÃO

As experiências vivenciadas pelo graduando, aliadas à literatura especializada, levam-nos a perceber que a Educação Financeira ainda recebe pouca atenção no Ensino Fundamental. Portanto, entendemos que é essencial propor atividades que integrem conceitos financeiros ao longo das aulas, com o objetivo de promover o desenvolvimento de habilidades essenciais para a gestão responsável de recursos e a tomada de decisões financeiras conscientes.

Nesse sentido, buscamos abordar o tema de maneira envolvente, visando estimular processos mais elaborados de reflexão sobre questões financeiras, permitindo aos estudantes desenvolverem autonomia na gestão de suas finanças pessoais e entenderem o impacto de suas escolhas econômicas.

A escolha deste tema foi motivada pela percepção de que a Educação Financeira possui aplicação prática em diversos aspectos da vida cotidiana e pode ser incorporada ao currículo do Ensino Fundamental. No entanto, autores como Abreu e Carrião (2019), têm observado que pouca ênfase tem sido dada ao assunto, limitando-se a abordagens superficiais ou omitindo-o completamente, o que acarreta dificuldades significativas para os estudantes desenvolverem competências financeiras críticas.

Assim, o principal objetivo deste trabalho é analisar a importância da Educação Financeira no Ensino Fundamental. Para isso, discutiremos as críticas existentes sobre o ensino da Matemática Financeira e apresentaremos propostas de atividades que possam contribuir para uma aprendizagem mais significativa e aplicada.

O foco desta investigação é como a Educação Financeira pode auxiliar no ensino e na aprendizagem, preparando os alunos para enfrentar desafios econômicos de maneira mais consciente e informada. Acreditamos que o aprendizado de conceitos financeiros ocorre de forma mais efetiva quando os estudantes participam de atividades que fornecem evidências empíricas e permitem a aplicação prática do conhecimento. A Educação Financeira é uma ferramenta poderosa para capacitar os estudantes a tomar decisões financeiras responsáveis, estabelecendo uma base sólida para uma vida financeira equilibrada.

Este trabalho segue a perspectiva da pesquisa qualitativa, com um procedimento metodológico baseado em levantamento bibliográfico. Buscamos artigos científicos, dissertações e teses publicados nos últimos dez anos. Este estudo se baseou nos documentos legais e nas ideias e estudos de autores como Abreu e Carrião (2019), Andrade et al. (2021), Avelar (2024), Borges (2021), Conceição, Jesus e Madruga (2018), Costa Rosa e Costa (2023), Flores (2021), Santos (2021), Viana e Lozada (2022) e outros.

Este trabalho está dividido em quatro partes. No primeiro capítulo, apresentaremos os procedimentos metodológicos deste nosso estudo.

No segundo capítulo, discutiremos a Educação Financeira no Ensino Fundamental, abordando algumas políticas acerca da Educação Financeira e a importância dos estudantes aprenderem os conceitos básicos para a tomada de decisões financeiras responsáveis e a prevenção de endividamento.

No terceiro capítulo, discutiremos as principais críticas ao ensino atual da Matemática Financeira, destacando a falta de contextualização, a abordagem tradicional e a escassez de recursos didáticos.

No quarto capítulo, apresentaremos algumas atividades práticas como jogos de tabuleiro e eletrônicos, projetos e visitas a instituições financeiras, analisando a eficácia dessas estratégias didáticas para o ensino da Educação Financeira nas escolas.

Por último, apresentaremos as nossas considerações finais a respeito das reflexões elaboradas ao longo do estudo, destacando as principais contribuições da pesquisa para o ensino da Educação Financeira no Ensino Fundamental.

1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A Educação Financeira é um tema de crescente relevância no contexto educacional, especialmente no Ensino Fundamental, onde os aprendizados para a formação do cidadão e para o desenvolvimento de habilidades essenciais para a vida adulta são estabelecidos. No cenário atual, onde questões econômicas como individualização, consumo consciente e poupança se tornam cada vez mais importantes para a vida dos indivíduos, é fundamental que as crianças e adolescentes sejam introduzidos a conceitos financeiros desde cedo.

O objetivo principal deste trabalho é analisar a importância da Educação Financeira no Ensino Fundamental, discutir as críticas existentes sobre o ensino da Matemática Financeira e apresentar propostas de atividades que possam contribuir para uma aprendizagem mais significativa e aplicada.

A escolha desse tema se justifica pela crescente demanda por uma formação que vá além do conteúdo técnico das disciplinas tradicionais, como Matemática, Português e Ciências, para abranger competências que envolvem a gestão de recursos financeiros pessoais. A introdução de conceitos financeiros no currículo escolar pode proporcionar aos alunos habilidades que serão essenciais ao longo de suas vidas, como o planejamento orçamentário, a tomada de decisões financeiras conscientes e a habilidade de lidar com desafios econômicos de forma eficaz.

No entanto, apesar da importância do tema, a implementação da Educação Financeira nas escolas ainda enfrenta desafios, como a falta de materiais didáticos adequados, a resistência por parte de alguns educadores e a necessidade de integrar esse conteúdo às outras disciplinas de maneira que seja relevante para os estudantes (Andrade et al., 2021).

A importância deste trabalho reside na busca por soluções para esses desafios e na análise da situação atual do ensino de Educação Financeira nas escolas. Ao abordar as críticas ao modelo tradicional de ensino da Matemática Financeira, é possível compreender as dificuldades enfrentadas pelos educadores e sugerir alternativas que integrem o conteúdo financeiro de maneira mais prática e contextualizada. Além disso, as propostas de atividades apresentadas neste trabalho buscam inovar a forma de

ensino, tornando os conceitos financeiros mais próximos da realidade dos alunos, por meio de atividades que estimulam a reflexão sobre o uso responsável do dinheiro, o consumo sustentável e a construção de um futuro financeiro saudável.

Este Trabalho de Conclusão de Curso caracteriza-se como uma pesquisa exploratória, com o objetivo de investigar a importância da Educação Financeira no Ensino Fundamental. A pesquisa visa fornecer uma compreensão sobre como a introdução de conceitos financeiros neste nível de ensino pode contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes e preparados para tomar decisões financeiras no futuro.

A abordagem metodológica adotada é de natureza qualitativa, pois se baseia na compreensão subjetiva e interpretativa das informações. Como afirmam Prodanov e Freitas (2013), uma pesquisa qualitativa permite uma análise mais profunda da relação entre a realidade objetiva e as experiências subjetivas dos indivíduos, aspecto fundamental para o estudo da Educação Financeira, que envolve não apenas números e cálculos, mas também atitudes, comportamentos e valores relacionados ao consumo, poupança e investimentos.

Para o desenvolvimento deste estudo, optamos pela realização de uma revisão bibliográfica. Essa abordagem permitiu a obtenção de dados a partir de materiais já publicados, como livros, artigos, dissertações e teses, que serviram como base para uma análise crítica sobre a inserção da Educação Financeira no currículo do Ensino Fundamental. O objetivo foi identificar as contribuições dos estudos anteriores sobre o tema, com ênfase nas propostas de atividades pedagógicas, nos desafios do ensino de Matemática Financeira e na relevância dessa etapa para a formação integral dos estudantes.

A pesquisa foi realizada em novembro de 2024, com base nas seguintes fontes: *Google Acadêmico*, *Scielo* e *Periódicos Capes*. Utilizaram-se as palavras-chave “Educação Financeira”, “Matemática Financeira” e “Propostas de Atividades” para buscar materiais que abordassem o tema sob diferentes perspectivas. As promoções de inclusão foram divulgadas durante o período de publicação dos últimos dez anos, com o intuito de acessar o maior número possível de materiais atualizados sobre o tema. Além disso, apenas materiais escritos em português foram selecionados, com o objetivo de

garantir que as fontes fossem acessíveis e pertinentes ao contexto educacional brasileiro.

Para a seleção dos materiais, foram definidos critérios de exclusão, como a exclusão de publicações que não estavam diretamente relacionadas ao tema da Educação Financeira no Ensino Fundamental, garantindo a relevância e a qualidade da análise. A partir dos materiais que atenderam aos critérios propostos, foi realizada uma análise qualitativa focada nos seguintes aspectos: A importância da Educação Financeira na formação dos estudantes do Ensino Fundamental, considerando os benefícios dessa educação para o desenvolvimento de competências financeiras pessoais e a construção de uma cidadania consciente; as críticas ao ensino atual da Matemática Financeira, abordando as dificuldades dos educadores e a falta de material didático adequado para o ensino de finanças no contexto escolar; e as propostas de atividades práticas, buscando identificar metodologias inovadoras que integrem o ensino de Matemática Financeira com outras disciplinas, promovendo uma aprendizagem mais significativa e contextualizada.

Dessa forma, a metodologia adotada neste estudo visa fornecer uma análise abrangente e crítica sobre o estado atual da Educação Financeira no Ensino Fundamental, destacando as potencialidades e os obstáculos enfrentados no processo de implementação dessa temática nas escolas.

Este estudo é relevante, pois contribuirá para a reflexão sobre a necessidade de mudanças no currículo escolar, propondo formas de aprimorar a formação financeira dos alunos no Ensino Fundamental. A implementação de atividades práticas e lúdicas, que dialogam com outras áreas do conhecimento pode ser uma solução eficaz para integrar a Educação Financeira de forma transversal e significativa. Com isso, esperamos que a pesquisa sirva como um ponto de partida para o desenvolvimento de novas metodologias e estratégias que promovam o ensino de Educação Financeira de maneira mais eficiente, preparando as futuras gerações para tomar decisões financeiras mais responsáveis e conscientes.

2. A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA

A importância da Educação Financeira na formação dos estudantes é cada vez maior à medida que o mundo se torna mais complexo e globalizado. Compreender conceitos básicos como renda, despesa, poupança e investimento é essencial para promover um bem-estar financeiro ao longo da vida inteira. Além disso, a tomada de decisões financeiras responsáveis desde cedo prepara os jovens para lidar com o dinheiro de forma consciente e estruturada, evitando problemas financeiros que podem comprometer seu futuro. Por fim, a prevenção do endividamento, por meio do ensino do uso consciente do crédito e a importância de evitar dívidas excessivas, é fundamental e imprescindível para a saúde financeira dos futuros adultos, garantindo que eles possam construir uma vida estável e livre de preocupações financeiras desnecessárias.

2.1. Algumas políticas para a Educação Financeira

A Educação Financeira desempenha um papel crucial na formação de qualquer indivíduo, preparando-o para lidar de maneira consciente e responsável com os recursos financeiros ao longo da vida. No cenário atual, onde o consumo exacerbado é amplamente incentivado, a capacidade de gerenciar as finanças pessoais se torna um diferencial crucial para uma vida financeira estável. É a partir dessa base sólida que os indivíduos podem construir uma relação saudável com o dinheiro, evitando dívidas excessivas, planejando o futuro e alcançando seus objetivos.

Com base no documento da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), publicado em 2013, o Comitê Nacional de Educação Financeira (Conef) adota o conceito de Educação Financeira como sendo um processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram a sua compreensão em relação aos conceitos e produtos financeiros, a ser desenvolvido por meio de três vertentes – Informação, Formação e Orientação. Essa definição destaca a importância do conhecimento para a construção de hábitos saudáveis, como o planejamento de gastos e a definição de metas financeiras (CONEF, 2014).

De acordo com o Conef (2014), a Educação Financeira vem sendo reconhecida mundialmente como um importante elemento de estabilidade e desenvolvimento econômico e financeiro, uma vez que ela contribui para uma sociedade mais equilibrada economicamente. Nesse sentido, ela é o processo de desenvolvimento de habilidades e conhecimentos que permitem aos indivíduos tomar decisões financeiras conscientes. Aplicada no Ensino Fundamental, a Educação Financeira ajuda os alunos a entender sobre orçamento, poupança, investimentos, crédito, juros, impostos e planejamento financeiro, estabelecendo bons hábitos financeiros e desenvolvendo a capacidade de fazer escolhas responsáveis.

Neste contexto e considerando as diretrizes da OCDE, em 2010 foi instituída, a Estratégia Nacional de Educação Financeira (Enef), por meio do Decreto n.º 7397, com a finalidade de disseminar a Educação Financeira no Brasil por meio de ações, como a Semana Nacional de Educação Financeira, organizada pelo Conef (Brasil, 2010).

O Decreto n.º 7397, de 22 de dezembro de 2010, foi um importante instrumento normativo que estabelecia as diretrizes e regulamentava os aspectos fundamentais relacionados à Enef no Brasil. Esse decreto foi um esforço do governo federal em promover a alfabetização financeira da população, a fim de capacitar os cidadãos a realizarem uma gestão responsável de seus recursos e a tomarem decisões financeiras conscientes (Brasil, 2010).

Um dos objetivos principais da Enef era garantir que os estudantes brasileiros adquirissem conhecimentos básicos de economia e finanças, algo fundamental para que eles pudessem tomar decisões financeiras responsáveis no futuro. A partir desse Decreto, o Conef ficou encarregado de desencadear inúmeras ações na área. Entre elas, o Programa de Educação Financeira nas Escolas (Brasil, 2010):

(...) um programa de Educação Financeira seja necessário apenas a partir da adolescência, mas há duas ótimas justificativas para que ele seja introduzido nas escolas desde o 1º ano do Ensino Fundamental. A primeira delas é que as avaliações de iniciativas de Educação Financeira desenvolvidas em outros países indicam que quanto mais cedo o programa começa, melhor os resultados alcançados. A segunda justificativa se baseia no fato de que uma pessoa financeiramente educada significa muito mais do que dominar conceitos complexos, como juros, inflação e orçamento; mais do que isso, significa ter comportamentos que permitem levar a vida de modo financeiramente saudável (CONEF, 2014, p. 8).

Para o Conef, a entrada da Educação Financeira nas escolas se justifica porque permite aos alunos os benefícios de se conhecer o universo financeiro e, utilizando-se desses conhecimentos, tomar decisões financeiras adequadas, que fortaleçam o comando autônomo da própria vida e, por extensão, do âmbito familiar e comunitário.

A Enef de 2010 foi revogada pelo Decreto nº 10.393, de 9 de junho de 2020, que instituiu a nova Estratégia Nacional de Educação Financeira e o Fórum Brasileiro de Educação Financeira (FBEF), este com a competência de estabelecer e implantar os princípios da Enef, bem como promover as ações relativas à Educação Financeira, securitária, previdenciária e fiscal no país.

Em 2018 a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento de caráter normativo, estabelece que todas as escolas brasileiras devem incluir a Educação Financeira em seu currículo, que foi um passo importante para garantir que todos os estudantes tenham a oportunidade de aprender sobre finanças pessoais.

Nesse contexto, a Matemática Financeira desempenha um papel crucial nesse contexto, pois é por meio dela que se promove a Educação Financeira. E como bem ressaltam, Lopes, Melo e Reis (2024, p. 4), a OCDE retrata de forma clara a diferença entre as duas, entendendo que:

Matemática Financeira utiliza conceitos e fórmulas matemáticas para analisar e resolver problemas ligados ao dinheiro, já a Educação Financeira refere-se ao uso adequado e consciente do dinheiro, ou seja, ela é fundamental para o exercício da cidadania.

De acordo com a BNCC (Brasil, 2017, p. 267), a Matemática possui oito competências específicas para o Ensino Fundamental, das quais as quatro primeiras são destacadas aqui por sua relevância direta para a Matemática Financeira, embora todas estejam inter-relacionadas:

1. Reconhecer que a Matemática é uma ciência humana, fruto das necessidades e preocupações de diferentes culturas, em diferentes momentos históricos, e é uma ciência viva, que contribui para solucionar problemas científicos e tecnológicos e para alicerçar descobertas e construções, inclusive com impactos no mundo do trabalho.
2. Desenvolver o raciocínio lógico, o espírito de investigação e a capacidade de produzir argumentos convincentes, recorrendo aos conhecimentos matemáticos para compreender e atuar no mundo.
3. Compreender as relações entre conceitos e procedimentos dos diferentes campos da Matemática (Aritmética, Álgebra, Geometria, Estatística e Probabilidade) e de outras áreas do conhecimento, sentindo segurança quanto à própria capacidade de construir e aplicar conhecimentos matemáticos, desenvolvendo a autoestima e a perseverança na busca de soluções.

4. Fazer observações sistemáticas de aspectos quantitativos e qualitativos presentes nas práticas sociais e culturais, de modo a investigar, organizar, representar e comunicar informações relevantes, para interpretá-las e avaliá-las crítica e eticamente, produzindo argumentos convincentes.

Estas competências destacam a importância para os alunos de interpretar e analisar dados, ler e compreender informações relacionadas à Matemática. No contexto da BNCC (Brasil, 2017, p. 267) é enfatizado que:

O conhecimento matemático é necessário para todos os alunos da Educação Básica, seja por sua grande aplicação na sociedade contemporânea, seja pelas suas potencialidades na formação de cidadãos críticos, cientes de suas responsabilidades sociais.

Com isso, notamos a importância desse conhecimento para a formação de alunos críticos e conscientes de suas responsabilidades sociais.

Em Alagoas, a Lei n.º 8.992, de 02 de outubro de 2023, promoveu a inclusão do tema da Educação Financeira nas propostas pedagógicas dos estabelecimentos de ensino do Estado, o que representou um marco importante na promoção de habilidades financeiras entre os estudantes alagoanos, visando prepará-los para uma gestão responsável de seus recursos e tomada de decisões conscientes em suas vidas.

A Lei n.º 8.992/2023 determina que a Educação Financeira seja incluída nas propostas pedagógicas de todas as instituições de Ensino Fundamental e Médio, públicas e privadas, do Estado de Alagoas. Essa integração deve acontecer de forma transversal, permeando diversas disciplinas e áreas do conhecimento, de modo a proporcionar aos alunos uma compreensão abrangente e aplicável dos conceitos financeiros. Cabe às escolas a responsabilidade de desenvolver e implementar estratégias de ensino que estimulem a participação ativa dos estudantes, por meio de atividades práticas, jogos, simulações e projetos relacionados à temática.

Iniciativas como essa se tornam cada vez mais relevantes em um cenário econômico cada vez mais complexo, no qual o domínio de conceitos básicos de finanças pessoais se torna essencial para o desenvolvimento de cidadãos responsáveis e conscientes de seus direitos e deveres. Além disso, “uma vida financeira saudável e equilibrada traz conforto e tranquilidade quanto ao futuro, e isso não quer dizer ganhar muito, mas sim saber administrar, de forma consciente, quanto se ganha” (Borges, 2021, p. 129).

A falta de conhecimento financeiro pode ter consequências negativas, como o acúmulo de dívidas, a incapacidade de poupar para o futuro e a falta de acesso a oportunidades de investimento. Por outro lado, a Educação Financeira, ao promover o conhecimento e a autonomia financeira, empodera os indivíduos, permitindo que eles construam um futuro mais seguro e próspero.

A construção de hábitos saudáveis, como o ato de economizar regularmente, pode ser incentivada em sala de aula por meio de projetos e simulações práticas. A escola, como um ambiente de aprendizado e desenvolvimento, desempenha um papel fundamental na formação de cidadãos financeiramente alfabetizados. A inclusão da Educação Financeira no currículo escolar, desde os primeiros anos, garante que o aluno desenvolva habilidades essenciais para lidar com suas finanças desde cedo.

Nesse sentido, Costa Rosa e Costa (2023) ratificam que se faz necessário o estímulo à reflexão sobre a Educação Financeira já no Ensino Fundamental, pois ao serem trabalhados alguns conceitos como inflação, poupança, investimento, custos e juros, respeitando as individualidades de cada aluno, o caminho para a conscientização transcende, dando mais significado ao consumo consciente. Ou seja, ao entender conceitos como poupança, investimento, crédito e impostos, os alunos estarão preparados para navegar no complexo mundo financeiro e tomar decisões que impactarão positivamente suas vidas.

2.2. Compreensão de conceitos básicos

A compreensão de conceitos básicos como renda, despesa, poupança e investimento é fundamental para o desenvolvimento de habilidades financeiras que promovam a autonomia e a responsabilidade no manejo do dinheiro. Em um mundo cada vez mais complexo e dinâmico, a educação financeira desde cedo desponta como uma ferramenta essencial para preparar os jovens para os desafios da vida adulta, garantindo uma relação equilibrada e consciente com os recursos financeiros.

Uma das principais razões para incluir a Educação Financeira no currículo escolar é a prevenção de problemas relacionados ao endividamento futuro. Em um mundo cada vez mais consumidor, onde o crédito é facilmente acessível, aprender a

planejar e controlar gastos pode evitar más escolhas financeiras. Como bem ressaltam Viana e Lozada (2022, p. 16), saber gerenciar as finanças e fazer um planejamento financeiro desde cedo levará o estudante a adquirir noções de poupança, consumo consciente e independência financeira, evitando compras por impulso e compreendendo que o endividamento é gerado muitas vezes pelo descontrole sobre os gastos.

Esses autores ressaltam a relevância da Educação Financeira desde cedo para formar hábitos saudáveis de gestão do dinheiro. Ao ensinar os alunos a planejar e administrar suas finanças, eles desenvolvem habilidades essenciais, como poupança, consumo consciente e independência financeira. Também destacam a importância de entender o impacto do comportamento impulsivo nas decisões financeiras, mostrando que o endividamento está frequentemente ligado à falta de controle nos gastos. Essa abordagem, além de promover responsabilidade, prepara os jovens para enfrentar desafios econômicos e fazer escolhas que contribuam para seu bem-estar e estabilidade futura.

Além disso, o ensino de conceitos básicos da Matemática Financeira permite que os alunos desenvolvam habilidades práticas para a vida cotidiana. Saber calcular juros, comparar preços e entender o impacto das taxas financeiras, por exemplo, são competências indispensáveis. Assim, podemos compreender o papel essencial da Educação Financeira na formação de cidadãos conscientes e críticos, desde a infância. Ao associar o consumo ao trabalho e ao salário, Santos (2021) ratifica que a abordagem educativa permite que os alunos compreendam a relação direta entre esforço, ganho financeiro e consumo responsável:

A Educação Financeira na escola contribui diretamente nesta perspectiva ao orientar o aluno, desde cedo, que consumir requer trabalho, que tem como resultado o salário para adquirir determinado produto. Logo, a Educação Financeira irá permitir que o aluno faça conjecturas e compreenda este marketing financeiro da sociedade (Santos, 2021, p. 144).

Além disso, ao incentivar o entendimento do marketing financeiro, a Educação Financeira promove a capacidade de análise e reflexão crítica sobre estratégias de consumo presentes na sociedade, ajudando os jovens a resistirem a apelos consumistas e a tomarem decisões financeiras mais informadas e equilibradas.

Para Borges (2021), a maioria dos pais ainda acredita que dinheiro não é coisa de criança, mas aprender os conceitos da Educação Financeira nesta primeira fase da vida é de extrema importância para administrar corretamente o dinheiro em busca de uma vida melhor, começando por conhecer e administrar sua mesada, por exemplo.

Neste aspecto, a autora destaca um equívoco comum entre muitos pais, que acreditam que o aprendizado sobre dinheiro deve ser reservado para a vida adulta. No entanto, uma introdução à Educação Financeira desde a infância é fundamental para desenvolver capacidades de gestão financeira. Conceitos simples, como gerenciar a mesada ou semanada, ensinam responsabilidades e criam uma base sólida para decisões financeiras mais complexas no futuro. Essa prática contribui para a construção de uma relação saudável com o dinheiro e promove hábitos que podem melhorar a qualidade de vida ao longo do tempo. Essas habilidades também são importantes para a formação de uma mentalidade empreendedora, incentivando os estudantes a pensar criativamente sobre como administrar recursos e buscar oportunidades para gerar renda.

Acreditamos que integrar esses conceitos ao currículo escolar é uma estratégia indispensável para promover a Educação Financeira de maneira efetiva. Por meio de atividades práticas, simulações e discussões, os estudantes não se limitam a aprender sobre números e cálculos, mas podem aplicar esses conhecimentos à sua realidade.

Em suma, a compreensão dos conceitos de renda, despesa, poupança e investimento não é apenas uma habilidade prática, mas uma forma de empoderar os jovens para que possam construir um futuro financeiro mais seguro e equilibrado. Ao entender esses fundamentos, eles se tornam aptos a evitar armadilhas do consumo excessivo, planejar seus objetivos e enfrentar os desafios econômicos de maneira mais resiliente, tornando-se capazes de tomar decisões financeiras responsáveis e conscientes.

2.3. Tomada de decisões financeiras responsáveis

A Educação Financeira é uma ferramenta essencial para capacitar os estudantes a tomarem decisões financeiras responsáveis. Para Andrade et al. (2021, p. 4), a

Educação Financeira refere-se a “um meio pelo qual é possível que o indivíduo aprenda a fazer bom uso do dinheiro, ou melhor, que saiba tomar decisões conscientes e sustentáveis financeiramente”.

Nesse sentido, trabalhar habilidades relacionadas à gestão de recursos financeiros no Ensino Fundamental contribui significativamente para o desenvolvimento de uma mentalidade crítica e consciente, preparando os jovens alunos para lidar com situações reais em sua vida adulta. A inclusão desse tema no currículo escolar não apenas promove o bem-estar individual, mas também contribui para uma sociedade mais equilibrada e economicamente sustentável.

Tomar decisões financeiras conscientes requer uma base sólida de conhecimento. Desde cedo, os estudantes devem aprender a diferenciar desejos de necessidades, entender o valor do dinheiro e planejar seus gastos de forma adequada. Nesse sentido, Flores (2021) entende a inclusão da Educação Financeira já nas primeiras séries do Ensino Fundamental é uma forma de ensinar os alunos a tomar decisões, ter responsabilidade pelo dinheiro, levando-os a entender que para viver com as finanças equilibradas, deve-se usar o dinheiro com responsabilidade e consciência.

Concordamos com a autora sobre a importância da Educação Financeira como uma ferramenta essencial para formar cidadãos conscientes e responsáveis, pois ao ensinar os alunos a tomar decisões e a compreender a importância do equilíbrio financeiro, promove-se uma relação mais saudável com o dinheiro. Esse aprendizado desde cedo ajuda a desenvolver competências cruciais para a vida adulta, como o planejamento e o consumo consciente, garantindo maior estabilidade e qualidade de vida no futuro.

Outro benefício significativo da Educação Financeira é o incentivo ao consumo consciente. Os educandos aprendem a avaliar as implicações de suas escolhas e a considerar fatores como sustentabilidade e impacto social, pois é com a Educação Financeira:

(...) que o educando entenderá que um carro financiado não é a escolha financeira mais adequada se o cliente puder pagar à vista, haja vista os descontos que poderá barganhar, sabendo que aqueles que financiam a aquisição de um veículo, na realidade pagam mais de um bem, e dependendo do caso, se incorporar a depreciação ocorrida ao decorrer do financiamento, a escolha ficará ainda pior (Eloi, 2020, p. 7).

Ou seja, a prática de decisões responsáveis desde cedo reduz os riscos de endividamento no futuro. Aprender a lidar com dinheiro desde cedo ajuda a calcular riscos e evitar armadilhas financeiras, como os juros abusivos. Isto é, a construção de uma base sólida de habilidades financeiras desde cedo permite que os estudantes sejam mais críticos em relação ao consumo, uma vez que os estudantes que recebem Educação Financeira demonstram maior capacidade de avaliar riscos e oportunidades ao tomar as melhores decisões financeiras.

Isso reforça a importância de introduzir o tema nas etapas iniciais da formação escolar. Vidigal e Amâncio (2021) destacam a importância da escola promover a Educação Financeira dos estudantes, visto que ela contribui para a formação de cidadãos conscientes em relação ao consumo, aos riscos e às oportunidades financeiras.

Entretanto, é bom ressaltarmos que a Educação Financeira não se limita a decorar fórmulas e conceitos abstratos. Para Dias e Olgin (2020, p. 2), o ensino da Educação Financeira:

Possibilita que o aluno estabeleça conexões entre os conteúdos matemáticos desenvolvidos em sala de aula e questões da vida pessoal (como consumo responsável e sociedade), da vida profissional (como questões trabalhistas) e da vida social (como ética e sustentabilidade).

Neste contexto, as autoras destacam como a Educação Financeira integra os conteúdos matemáticos ao cotidiano dos alunos, tornando o aprendizado mais significativo e prático. Elas enfatizam o potencial dessa abordagem para promover reflexões sobre consumo responsável, ética e sustentabilidade, conectando a sala de aula à realidade pessoal, profissional e social dos estudantes. Esse ensino holístico prepara os jovens para tomar decisões financeiras conscientes e responsáveis em diversos aspectos de suas vidas.

Assim, os conteúdos da Educação Financeira se traduzem em habilidades práticas que capacitam os estudantes a tomar decisões financeiras conscientes e estratégicas, preparando-os para lidar com os desafios e oportunidades que a vida adulta apresenta. Esses conteúdos capacitariam esses futuros cidadãos a tomarem

decisões corretas no mercado financeiro e também ao consumo consciente (Moreira et al., 2017).

Ao integrar a Educação Financeira no currículo escolar, é possível criar cidadãos mais conscientes e preparados para enfrentar os desafios financeiros do mundo moderno. Como sintetiza Sarlo, (2019, p. 41):

Construir capacidade financeira pessoal no início da vida pode promover aos cidadãos uma base para a vida futura e bem-estar financeiro. As escolas são um canal importante para fornecer a educação que pode melhorar a capacidade financeira.

Sendo assim, a importância da Educação Financeira na formação dos estudantes é evidente. A tomada de decisões financeiras responsáveis é essencial para garantir a estabilidade econômica e o bem-estar futuro dos jovens. Habilidades financeiras desde cedo preparam os jovens para lidar com o dinheiro de forma responsável, minimizando o risco de endividamento excessivo e maximizando as oportunidades de investimento e crescimento financeiro.

2.4. Prevenção de endividamento

Na sociedade atual, em que o consumo e as dinâmicas financeiras se tornam cada vez mais complexos, a Educação Financeira desponta como um tema indispensável para o desenvolvimento integral das novas gerações. Para Viviani (2021, p. 127), a Educação Financeira:

É importante no gerenciamento dos recursos financeiros das famílias brasileiras, auxilia o estudante e os que fazem parte do seu convívio a adotar posturas críticas de consumo e mudar o quadro de endividamento em nosso país.

Especificamente no contexto do Ensino Fundamental, é essencial abordar o uso consciente do crédito e a importância de evitar dívidas, preparando os jovens para lidar de maneira responsável e estratégica com o dinheiro desde cedo. Essa formação não apenas auxilia na construção de uma relação saudável com as finanças, mas também promove valores como planejamento, autocontrole e responsabilidade cidadã.

Em primeiro lugar, é importante destacar que o crédito é uma ferramenta financeira poderosa, mas que, quando mal utilizada, pode se transformar em um problema significativo. Muitos adultos enfrentam dificuldades financeiras decorrentes do

uso inadequado de crédito, incluindo endividamento excessivo e inadimplência. Essas situações, além de comprometerem a saúde financeira, impactam negativamente o bem-estar emocional, gerando estresse e ansiedade. Santos (2021) reconhece que se as pessoas tivessem algum conhecimento financeiro, saberiam poupar, consumir, investir e não cair em armadilhas, saberiam reivindicar seus direitos de consumidor e trabalhador. Portanto, introduzir noções básicas sobre o funcionamento do crédito – como taxas de juros, parcelamentos e o conceito de capacidade de pagamento – desde o Ensino Fundamental pode ajudar os jovens a compreender os riscos envolvidos e a tomar decisões mais conscientes no futuro.

O ensino do uso consciente do crédito, por exemplo, também está alinhado à necessidade de preparar os alunos para enfrentar desafios financeiros no mundo real. Viana e Lozada (2022) nos chamam a atenção para o fato de capacitar os alunos para que tenham instrumentos para administrar, de maneira consciente, seus recursos, visto que nos dias de hoje os adolescentes têm acesso à contas bancárias digitais, fazendo transferências e pagamentos com o PIX, entre outras transações bancárias. Assim, em uma era marcada pela facilidade de acesso ao consumo digital e pela ampliação das ofertas de crédito, como cartões e aplicativos financeiros, é crucial que os jovens sejam capazes de distinguir entre necessidades e desejos. Essa distinção os ajuda a evitar gastos impulsivos e a desenvolver hábitos financeiros saudáveis. Além disso, a consciência sobre a importância de evitar dívidas excessivas favorece uma postura mais equilibrada e prudente diante do consumo.

Outro ponto relevante é que a educação sobre crédito e dívidas contribui para o fortalecimento da autonomia e da confiança dos alunos. Quando os jovens entendem como gerenciar seus recursos e evitar armadilhas financeiras, eles desenvolvem competências para tomar decisões conscientes e responsáveis. Aprender a solucionar problemas de modo mais analítico, reflexivo e com estímulo à criticidade permite que os jovens se previnam de futuros problemas, principalmente no âmbito financeiro, o que tem se mostrado bastante necessário atualmente, visto a instabilidade da economia brasileira Viana e Lozada (2022). Isso é especialmente importante em um contexto em que muitos jovens, ao ingressarem na vida adulta, são confrontados com a necessidade

de administrar um orçamento próprio, negociar condições de pagamento e planejar seus objetivos financeiros.

Por fim, é importante lembrarmos que a Educação Financeira no Ensino Fundamental também tem impacto na formação de cidadãos mais conscientes e preparados para contribuir para a sociedade. Como bem ressalta Silva (2015, p. 12), “a formação de um cidadão crítico, atuante começa pelo desenvolvimento de sua capacidade de lidar com seu dinheiro”. Jovens que compreendem a importância de evitar dívidas e utilizam o crédito de maneira consciente estão mais propensos a adotar comportamentos responsáveis em outras áreas da vida, como a sustentabilidade e a participação cidadã.

Apesar da importância da Educação Financeira no Ensino Fundamental, estudiosos apontam críticas e desafios quanto a esse tema, como a falta de contextualização, a abordagem tradicional e a escassez de recursos didáticos.

3. CRÍTICAS AO ENSINO ATUAL DA MATEMÁTICA FINANCEIRA

A Educação Financeira tem ganhado destaque nas discussões pedagógicas, dada a sua importância para a formação de cidadãos capazes de tomar decisões conscientes e responsáveis no campo econômico e seu ensino se relaciona diretamente com conceitos de Matemática Financeira. No entanto, o ensino atual da Matemática Financeira enfrenta críticas sérias e desafios que precisam ser superados para garantir um aprendizado mais eficaz e significativo. Para Abreu e Carrião (2019), um dos principais pontos de crítica é a falta de contextualização do ensino, que muitas vezes se limita à apresentação de conceitos teóricos da Matemática Financeira sem conectar esses conhecimentos à realidade vivida pelos alunos. Ainda de acordo com esses autores, outro desafio relevante é a abordagem tradicional de ensino, cuja metodologia expositiva, centrada no professor, tende a ser desmotivadora, contribuindo para a apatia e o desinteresse dos estudantes. Adicionalmente, há uma escassez de recursos didáticos adequados ou materiais não estão alinhados às necessidades e interesses dos alunos.

3.1. Falta de contextualização

O ensino da Matemática Financeira no Ensino Fundamental enfrenta uma série de desafios, sendo a falta de contextualização um dos aspectos mais críticos. Esse campo de conhecimento, que tem o potencial de preparar os alunos para lidar com situações financeiras reais no cotidiano, muitas vezes é ensinada de forma desconectada da realidade. Esse distanciamento compromete não apenas o entendimento dos conceitos, mas também a capacidade dos estudantes de aplicá-los de maneira prática.

Para Abreu e Carrião (2019) a questão da contextualização das atividades de Matemática povoa a mente de muitos professores de Matemática desde 1997, quando os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) passaram a ressaltar a importância de um ensino contextualizado. Segundo esses autores:

O termo contextualizar tem como principal significado o ato de criar um contexto; porém, a palavra contexto tem também diversos significados. Do

ponto de vista da linguagem, o contexto é o ambiente que constitui o texto, envolvendo, além das palavras que o compõe, as concepções e as condições sociais de sua produção (...). O contexto da atividade, assim, vai além do enunciado, pois traz, em si, as intenções e as concepções presentes na sua produção (Abreu; Carrião, 2019. n.p).

Assim, compreendemos que Abreu e Carrião (2019) discutem o conceito de contextualização como a criação de um ambiente específico para compreender um texto ou uma atividade. Eles destacam que o contexto não se limita apenas ao conjunto de palavras que compõem um texto, mas também inclui as ideias e as condições sociais que influenciam sua produção. Portanto, o contexto de uma atividade vai além do simples enunciado, incorporando o interesse e as concepções subjacentes à sua elaboração.

Para Costa Rosa e Costa (2023), um dos principais problemas é que os conteúdos da Educação Financeira, como porcentagens, juros simples, juros compostos, descontos e financiamentos, são frequentemente apresentados em um formato puramente teórico e abstrato. Segundo esses autores, esses conteúdos têm sido trabalhados de forma bastante tecnicista em sala de aula, e com isso os alunos não são estimulados a pensar, isto é, a abordagem abstrata e desconexa tem afastado o aluno da sua realidade.

Concordamos com esses autores que essa abordagem descontextualizada pode gerar desinteresse e dificuldade de aprendizado. Alunos que não conseguem ver como os conceitos de Matemática Financeira se aplicam à sua realidade tendem a questionar a utilidade do que estão aprendendo. Isso contribui para uma percepção negativa da Matemática como um todo, consolidando a ideia de que é uma disciplina difícil e irrelevante para a vida fora da escola.

Outro aspecto crucial é a formação de professores. Muitos educadores não se sentem confiantes para ensinar Matemática Financeira de maneira contextualizada devido à falta de preparo ou recursos. Investir em capacitações que abordem estratégias pedagógicas inovadoras e forneçam materiais didáticos adequados é essencial para transformar a forma como essa disciplina é ensinada. Uma pesquisa realizada por Conceição, Jesus e Madruga (2018, p. 306) mostrou que muitos concluintes dos cursos de Licenciatura em Matemática “reconhecem a importância da prática contextualizada, contudo, mostram-se inseguros em desenvolver tal prática,

talvez por não compreenderem o sentido da contextualização e sua dimensão no exercício da docência”.

O trabalho desses autores destaca uma questão crucial: a importância reconhecida da prática contextualizada, mas acompanhada de insegurança em sua aplicação. Esta lacuna indica a necessidade de uma revisão e reflexão profunda sobre a formação docente e a estrutura curricular das Licenciaturas em Matemática.

De fato, é essencial que o currículo dessas Licenciaturas inclua estratégias e experiências práticas que promovam a compreensão e a aplicação eficaz da contextualização no ensino, preparando os futuros professores para lidar com os desafios do ambiente educacional de forma confiante e competente. A maioria dos futuros professores compreende a contextualização como uma maneira de se “retirar” algo do cotidiano do aluno e “trazer” para a sala de aula, ou ainda como algo emergente da realidade desse aluno (Conceição; Jesus; Madruga, 2018).

Além disso, Lopes, Melo e Reis (2024) veem relevância na escolha dos conteúdos que serão ministrados em sala de aula, uma vez que esses conteúdos precisam estar ligados a realidade dos alunos e devem ser transmitidos pelos professores de forma clara para que sejam absorvidos pelos educandos de forma efetiva. Segundo esses autores:

Para que um estudante tenha sucesso em aprender Matemática Financeira, ela deve fazer sentido para ele. Portanto é necessário relacionar o conteúdo trabalhado a sua realidade. Buscando despertar no aluno, além do conhecimento dos cálculos financeiros, uma visão crítica e questionadora, que faça dele um cidadão capaz de analisar corretamente as situações financeiras que irão se apresentar ao longo da vida (Lopes; Melo; Reis, 2024, p. 4).

Assim, esses autores ressaltam a importância da relevância e aplicabilidade no ensino de Matemática Financeira. Para que os estudantes realmente compreendam e se envolvam com o conteúdo, é fundamental que ele esteja conectado à sua realidade cotidiana. Isso não apenas facilita o entendimento dos cálculos financeiros, mas também promove o desenvolvimento de uma visão crítica e questionadora.

Ao relacionar a Matemática Financeira com situações práticas e reais, os alunos são capacitados a analisar e tomar decisões financeiras de forma mais consciente e

informada ao longo de suas vidas, contribuindo para sua formação como cidadãos responsáveis e atentos às dinâmicas financeiras do mundo em que vivem.

Em síntese, a ausência de contextualização no ensino de Matemática Financeira no Ensino Fundamental torna a aplicação prática dos conceitos mais difícil e acaba desmotivando os alunos. Para superar esses obstáculos, é essencial integrar a matéria ao cotidiano dos estudantes, considerando suas necessidades e interesses. Além disso, é fundamental considerar que as metodologias tradicionais de ensino não são práticas para despertar o interesse dos alunos.

3.2. Abordagem tradicional

A Matemática Financeira é uma área do conhecimento de fundamental importância no cotidiano, especialmente no contexto atual, em que a Educação Financeira se torna uma necessidade crescente para a formação de cidadãos conscientes e preparados para gerir recursos. No entanto, a abordagem tradicional do ensino desse tema no Ensino Fundamental tem sido amplamente criticada por sua incapacidade de despertar o interesse dos alunos e de conectar os conteúdos às situações reais que vivenciam.

Um dos principais problemas da abordagem tradicional é a maneira abstrata e descontextualizada como os conceitos são apresentados. A Matemática Financeira, muitas vezes, é ensinada por meio de cálculos mecânicos e fórmulas, sem que os alunos compreendam o significado por trás das operações. Para Moreira et al. (2017), exercícios que não apresentam sentido algum aos alunos é característica do ensino tradicional da Matemática, o qual não ajuda a desenvolver a criatividade matemática e pode fazer com que se preserve uma visão equivocada da sociedade.

As autoras, portanto, criticam a abordagem tradicional no ensino da Matemática Financeira, onde os exercícios frequentemente carecem de relevância para os alunos, resultando em um aprendizado desconectado da realidade. Essa metodologia não apenas impede o desenvolvimento da criatividade matemática, mas também perpetua uma visão limitada e muitas vezes distorcida da sociedade.

Esse tipo de ensino, focado apenas na repetição mecânica de exercícios, ignora a oportunidade de conectar conceitos matemáticos com situações práticas e relevantes para os alunos. Consequentemente, eles podem ver a Matemática Financeira – e consequentemente a própria Matemática – como uma disciplina desconectada de suas vidas, o que dificulta a compreensão de sua utilidade e importância, contribuindo para a perpetuação das desigualdades sociais, pois não permite que os alunos, especialmente os mais vulneráveis, desenvolvam um senso crítico e se tornem protagonistas de sua própria educação, como alertam Viana e Lozada (2022, p. 17):

(...) decorrente de uma Educação Matemática baseada em abstrações fixas e isoladas, distante da realidade, caracterizada por uma abordagem bancária do processo educativo citando Paulo Freire, na qual o aluno apenas recebe conhecimento e reproduz e, assim, as desigualdades vão se justificando e se perpetuando, porque não existe o protagonismo daquele mais vulnerável socialmente, mas sim estruturas de dominação para mantê-lo na mesma condição.

Como podemos notar, os autores fazem uma crítica profunda ao ensino tradicional da Matemática, que é baseado em abstrações desconectadas da realidade dos alunos. Eles evocam a metáfora da “educação bancária” de Paulo Freire, onde o conhecimento é simplesmente “depositado” nos alunos, sem considerar suas experiências, contextos e participação ativa no processo de aprendizagem.

Para transformar essa realidade, é necessário adotar uma prática educacional que valorize o contexto de vida dos alunos, promovendo uma aprendizagem significativa e crítica. Isso implica considerar e incluir a diversidade de experiências dos estudantes no processo educacional, tornando a Matemática Financeira uma ferramenta para compreender e transformar o mundo, ao invés de um conjunto de conceitos abstratos e descontextualizados:

É possível entender que o ensino da Matemática Financeira, além de ser importante em si para o desenvolvimento intelectual dos alunos e para o exercício efetivo de sua cidadania, é um meio com grande potencial de transformar as relações tradicionais de sala de aula e instigar os alunos a serem mais ativos na construção de seu conhecimento. Do mesmo modo, vale para o professor a reflexão sobre o potencial de uma organização de aula que fuja da mera exposição e correção de erros de exercícios (Andrade, 2020, p. 4).

Logo, a importância do ensino de Matemática Financeira não está apenas no fato de ser uma disciplina com valor intrínseco para o desenvolvimento intelectual dos

alunos e para a cidadania, mas também por ser uma ferramenta poderosa para transformar as dinâmicas tradicionais da sala de aula. Andrade (2020) sugere que o ensino dessa matéria pode incentivar os alunos a se tornarem mais ativos e engajados na construção de seu próprio conhecimento, promovendo uma postura mais crítica e participativa.

Além disso, o autor aponta a necessidade de os professores refletirem sobre suas práticas pedagógicas, incentivando uma abordagem que vá além da simples exposição de conteúdo e correção de exercícios. Nesse sentido, entendemos que é necessário que o professor tenha uma postura diferente daquela que observamos no ensino tradicional em que ele fala e os alunos ouvem as explicações. Isso implica criar um ambiente de aprendizagem mais interativo, onde os alunos possam aplicar os conceitos em contextos reais e significativos, estimulando o pensamento crítico e a autonomia.

Essa perspectiva destaca o potencial transformador da Matemática Financeira como um meio de promover uma educação mais dinâmica e relevante, capaz de preparar os alunos não apenas para lidar com questões financeiras, mas também para participarem de maneira mais consciente e ativa na sociedade, conforme ressaltam Lopes, Melo e Reis (2024), pois a Matemática Financeira não pode ser vista como apenas mais um conteúdo ministrado. Ela deverá dar condições para o aluno ser reflexivo, autônomo e crítico, com potencial para resolver problemas e tomar decisões em seu cotidiano. Somente assim, exercem-se aprendizagens essenciais definidas na BNCC.

Outro fator que contribui para o insucesso dessa abordagem é o foco excessivo na transmissão de conteúdos teóricos, com pouco ou nenhum espaço para a resolução de problemas reais. Em vez de explorar situações que envolvam planejamento financeiro, economia do lar ou o entendimento de conceitos como inflação e taxa de juros em compras parceladas, os alunos são submetidos a exercícios repetitivos e descontextualizados. Essa metodologia não apenas torna o aprendizado enfadonho, mas também falha em preparar os jovens para tomarem decisões financeiras fundamentadas no futuro.

Como salientam Moreira et al. (2017), a Matemática Financeira está presente no cotidiano de todos nós, facilmente encontramos problemas envolvendo tomadas de decisões a respeito das melhores taxas de juros, formas de pagamento, empréstimos financiamentos e etc. Algo tão presente na vida dos estudantes, mas ainda pouco abordado dentro das salas de aula. É comum encontrarmos professores priorizando determinados conteúdos, que são por eles considerados mais importantes, como equações, logaritmos, médias e acabam perdendo a oportunidade de trabalhá-los em problemas básicos da Matemática Financeira.

De fato, a relevância da Matemática Financeira no cotidiano das pessoas fica evidenciada em como ela está diretamente ligada a decisões importantes relacionadas a juros, financiamentos e formas de pagamento. No entanto, as autoras criticam a maneira como esse conteúdo é tratado nas salas de aula, apontando que, muitas vezes, ele é abordado de forma superficial e desconectada da realidade dos alunos. A crítica também se estende à priorização de outros conteúdos matemáticos, considerados mais importantes por alguns professores, como equações e logaritmos, sem integrá-los a problemas reais de Matemática Financeira.

De acordo com Silva (2015, p. 13), “a mera repetição mecânica de exercícios ou memorização excessiva de fórmulas fora de um contexto real tem criado uma barreira entre os alunos e uma aprendizagem significativa”. Para que o aluno queira aprender Matemática Financeira, os conteúdos devem fazer sentido para ele.

De fato, os alunos são expostos a fórmulas e exercícios mecânicos que, embora importantes, carecem de um elo claro com situações reais. Portanto, para promover uma aprendizagem significativa, é fundamental que os educadores integrem a Matemática Financeira aos contextos reais, estimulando a curiosidade, o pensamento crítico e a capacidade de resolver problemas de maneira criativa. Isso não só melhora o engajamento dos alunos, mas também contribui para a formação de cidadãos mais críticos e preparados para enfrentar os desafios do mundo moderno.

Além disso, a abordagem tradicional ignora a diversidade de interesses e experiências dos alunos, desconsiderando a oportunidade de integrar a Matemática Financeira a outras disciplinas ou a contextos significativos para os estudantes. Por exemplo, temas como planejamento de uma viagem, organização de um evento escolar

ou até mesmo a criação de pequenos empreendimentos poderiam ser utilizados para ensinar conceitos financeiros de maneira mais atrativa e relevante. Segundo Abreu e Carrião (2019), os documentos oficiais quando mencionam uma atividade contextualizada, estão, em geral, se referindo ao ambiente sociocultural dos alunos ou à interdisciplinaridade. Assim, esse tipo de conexão interdisciplinar e contextualizada é essencial para que os alunos percebam a utilidade do que estão aprendendo.

Essa abordagem interdisciplinar e contextualizada, no caso da Matemática Financeira, segundo Andrade (2020, p. 3), “pode ser mais vantajosa porque, ao contrário da maioria dos conceitos aprendidos em Matemática, os alunos conseguem traçar mais facilmente, paralelos entre a realidade em que vivem e o que está sendo apresentado nos problemas”. Ao destacar que, diferentemente de outros conceitos matemáticos, os alunos fornecem paralelos mais claros entre os problemas apresentados e sua realidade, o autor sugere que essa metodologia torna o aprendizado mais significativo e prático.

Logo, uma abordagem interdisciplinar e contextualizada permite que os estudantes vejam a relevância direta da Matemática Financeira em suas vidas, o que pode aumentar o engajamento e a motivação para aprender. Quando os alunos entendem os conceitos financeiros ao seu cotidiano, como taxas de juros, orçamento e consumo consciente, eles não apenas entendem melhor os conteúdos, mas também desenvolvem habilidades críticas para tomar decisões financeiras informadas no futuro.

Outro ponto crucial é a falta de utilização de tecnologias e recursos didáticos inovadores. Na era digital, em que os jovens estão cada vez mais conectados, as ferramentas tecnológicas poderiam ser empregadas para simular situações financeiras reais, como investimentos virtuais, organização de orçamentos e comparativos de custos. Essa interatividade não só despertaria o interesse dos alunos, mas também contribuiria para um aprendizado mais significativo.

Para Andrade et al. (2021), a utilização das novas tecnologias nas salas de aula é na atualidade uma necessidade, uma vez que as informações no mundo em que vivemos requerem o conhecimento delas em todas as áreas. Assim, os jogos on-line, por exemplo, são atividades que podem ser trabalhadas para que o ensino e a aprendizagem se tornem significativos e chamem a atenção do estudante.

Essa abordagem promove um ambiente de aprendizado mais interativo, onde os alunos podem explorar conceitos de maneira prática e criativa, conectando o conteúdo à sua realidade. Ao substituir a memorização tradicional por experiências lúdicas, os alunos não apenas entendem melhor os conceitos, mas também desenvolvem habilidades de resolução de problemas e pensamento crítico de forma mais natural e prazerosa.

De fato, o uso da tecnologia e de jogos em sala de aula pode estimular a colaboração, o engajamento e a motivação, tornando o aprendizado uma atividade mais agradável e eficaz. Avelar (2024) tem uma visão moderna e eficaz da educação, que busca integrar a prática, a imaginação e a diversão no processo de ensino, pode torná-lo mais acessível e relevante para os alunos:

Será possível identificar diversas maneiras diferentes de trabalhar o tema na sala de aula para que deixe de ser um tema monótono com “decoreba” e que a criança aprenda se divertindo, com a prática e a imaginação, utilizando-se atividades lúdicas ou jogos aliados à tecnologia, de modo a explorar o conteúdo trabalhado dentro da realidade de cada aluno (Avelar, 2024, p. 307).

Portanto, o autor destaca a importância de transformar o ensino em uma experiência mais dinâmica e envolvente, especialmente quando se trata de temas que muitas vezes são vistos como monótonos ou difíceis, como a Matemática. Ele sugere que, ao incorporar atividades lúdicas, jogos e outras tecnologias, o aprendizado se torna mais divertido e significativo para os alunos.

Além disso, a resistência às mudanças no modelo de ensino também é um entrave. Muitos professores, por falta de formação ou por apego às metodologias tradicionais, não se sentem confortáveis em adotar estratégias mais dinâmicas e centradas no aluno. Isso reforça a necessidade de formação continuada para os educadores, capacitando-os a utilizar recursos modernos e a desenvolver práticas pedagógicas que promovam a reflexão crítica e a autonomia dos estudantes. Sobre esse aspecto, Silva (2015, p. 24) lamenta:

Infelizmente, ainda há educadores que resistem. Preferem adotar a linha do “isso não é comigo” e manter um esquema educacional decadente, que privilegia conteúdos distantes da realidade, focados exclusivamente na necessidade da aprovação na prova do vestibular. Quem decorar mais entra na

universidade. E não, quem está mais preparado para o exercício de uma profissão.

Essa postura reflete uma concepção limitada do papel da Educação, onde o foco está na memorização de conteúdos isolados e na preparação para testes, sem considerar a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos no cotidiano dos estudantes. Isso pode resultar em uma experiência educacional desmotivadora, que não desenvolve habilidades essenciais para a vida, como o pensamento crítico, a resolução de problemas e a tomada de decisões informadas.

Ao manter um “esquema educacional decadente”, os educadores que resistem à inovação acabam perpetuando uma educação desatualizada, que não atende às demandas de uma sociedade em constante mudança. De acordo com Silva (2015), isso também é consequência de um problema recorrente na formação de professores no Brasil, especialmente no que diz respeito ao ensino de Matemática, e em particular, à Matemática Financeira. Para ele, “numerosos trabalhos apontam principalmente para formação incompleta ou inadequada para a função de lecionar Matemática. Esta situação fica pior quando nos referimos a Matemática Financeira” (Silva, 2015, p. 20).

Para superar essa barreira, é essencial repensar o ensino da Matemática Financeira no Ensino Fundamental. É necessário abandonar a abordagem tradicional e adotar metodologias que tornem o aprendizado significativo e alinhado às demandas do mundo contemporâneo. A contextualização dos conteúdos, o uso de tecnologias e a integração interdisciplinar são elementos fundamentais para transformar a experiência dos alunos e prepará-los para os desafios financeiros que certamente enfrentarão ao longo da vida.

Por fim, e não menos importante, é necessário oferecer treinamento e desenvolvimento profissional para professores em Matemática Financeira e investir em recursos didáticos adequados. Dessa forma, é possível ensinar a Matemática Financeira de maneira eficaz e ajudar os alunos a desenvolver habilidades de tomada de decisões financeiras responsáveis.

3.3. Escassez de recursos didáticos

A escassez de recursos didáticos adequados para o ensino da Matemática Financeira no Ensino Fundamental tem sido um dos principais desafios enfrentados por educadores e gestores escolares. A carência de materiais pedagógicos contextualizados e acessíveis impacta negativamente a compreensão dos alunos sobre conceitos fundamentais que são essenciais para sua formação cidadã e para a tomada de decisões financeiras conscientes no futuro.

Um dos problemas centrais é a predominância de materiais didáticos que privilegiam abordagens abstratas e desvinculadas da realidade dos alunos. Muitas vezes, os livros e apostilas apresentam a Matemática Financeira como uma série de cálculos matemáticos complexos, sem conectar esses conceitos à vida cotidiana. Essa abordagem torna o aprendizado desinteressante e dificulta a aplicação prática do conhecimento. Uma análise feita por Abreu e Carrião (2019, n.p) revelou que os livros didáticos não seguem as orientações dos documentos oficiais. Mas ao contrário:

(...) eles trabalham em uma concepção de ensino de Matemática baseada na repetição de atividades de baixa complexidade e contextualizadas principalmente na matemática pura; isso difere sobremaneira do que é proposto pelas diretrizes veiculadas pelos documentos oficiais do Ministério da Educação, que sugerem o uso de resolução de problemas e investigação, usando, para isso, contextos próximos da realidade do aluno. Esse descompasso entre os livros didáticos e os documentos oficiais é um ponto importante, considerando-se a forte influência que os livros exercem na educação, de modo geral, e em particular nas ações que se realizam na sala de aula.

Os autores destacam que, enquanto os documentos oficiais incentivam uma abordagem baseada na resolução de problemas e em contextos reais, os livros didáticos continuam a priorizar atividades de baixa complexidade e uma abordagem focada na matemática pura, sem conexão direta com a realidade dos alunos. Esse descompasso é preocupante, pois os livros didáticos têm uma influência específica na prática educativa, sendo muitas vezes a principal ferramenta de ensino utilizada pelos professores.

Quando os livros não seguem as orientações oficiais, perpetuam um modelo de ensino tradicional, focado na repetição e na memorização, que não estimula o desenvolvimento do pensamento crítico e a aplicação prática dos conceitos matemáticos. Quando trazem a Matemática Financeira, esses livros a tratam de forma

superficial sem relacioná-la com a realidade dos estudantes (Moreira et al., 2017). Essa desconexão entre teoria e prática pode desmotivar os alunos, que não fornecem ver a relevância da Matemática Financeira em suas vidas cotidianas.

De acordo com Costa Rosa e Costa (2023), há uma falta de continuidade no tratamento da Educação Financeira. A restrição de se trabalhar o tema somente quando o assunto fosse o de porcentagens limita não só o aluno, mas também o professor. A falta de continuidade e a restrição de seu ensino a temas específicos, como porcentagens, não só reduz o escopo da Educação Financeira, como também impede que tanto alunos quanto professores explorem todo o potencial desse conhecimento de forma integrada e interdisciplinar.

Restringir a Educação Financeira ao tema de porcentagens subestima a sua complexidade e importância. A Educação Financeira abrange uma variedade de conceitos, como planejamento financeiro, investimentos, crédito, juros compostos, e consumo consciente, que são fundamentais para a formação de cidadãos críticos e responsáveis. Ao limitar o seu ensino, perde-se a oportunidade de desenvolver nos alunos habilidades essenciais para a vida cotidiana, como a tomada de decisões financeiras informadas.

Além disso, essas limitações impactam o papel do professor, que fica restrito a ensinar um conteúdo superficial e desconectado de outras áreas do conhecimento. Isso pode desmotivar os educadores e reduzir a eficácia do ensino, já que a Educação Financeira, quando integrada de forma ampla, tem o potencial de enriquecer outras disciplinas e tornar o aprendizado mais relevante e aplicável.

Outro aspecto crítico é a falta do uso de tecnologias, como simuladores financeiros e aplicativos de gerenciamento de orçamento, ainda é raro no ensino fundamental. Essas ferramentas poderiam tornar o aprendizado mais dinâmico e interativo, mas sua implementação enfrenta barreiras como a falta de infraestrutura nas escolas. Entretanto, Abreu e Carrião (2019) destaca um aspecto fundamental do papel do professor: a autonomia e a responsabilidade na condução do processo de ensino:

O professor não pode se tornar refém do livro didático, que é apenas um dos recursos materiais curriculares que podem auxiliá-lo no trabalho, defende-se que esse recurso não pode funcionar como roteiro das aulas, para selecionar os objetos de conhecimento, a ordem com que eles têm de ser trabalhados e a

metodologia que deve ser utilizada. Essas são prerrogativas do professor, que, a partir de suas perspectivas de ensino, e da proposta pedagógica da escola, deve buscar variadas fontes para organizar o programa e selecionar as atividades que serão trabalhadas com os alunos (Abreu; Carrião, 2019, n.p).

Esses autores argumentam que o livro didático, embora seja um recurso valioso, não deve ser o único guia do ensino, nem limitar a abordagem pedagógica. Essa perspectiva é crucial para evitar a padronização e a passividade no ensino, promovendo uma educação mais dinâmica, adaptada às necessidades específicas dos alunos e alinhada às diretrizes pedagógicas da escola.

Ao enfatizar que o professor não deve se tornar refém do livro didático, Abreu e Carrião (2019) alertam contra o risco de um ensino mecanizado e descontextualizado. O livro didático deve ser visto como um apoio, e não como um roteiro rígido. O professor, conhecendo sua turma e os objetivos educacionais, tem a prerrogativa de selecionar os conteúdos, a ordem de apresentação e as metodologias mais adequadas para fomentar um aprendizado significativo.

Nesse sentido, é necessário fazer uso de diversas fontes e materiais didáticos, promovendo a integração de diferentes perspectivas e recursos que podem enriquecer o processo de aprendizagem. O professor, como mediador e facilitador do conhecimento, deve adaptar os conteúdos às realidades e necessidades dos alunos, explorando metodologias inovadoras e interativas que engajem e motivem os estudantes. Dessa forma, é possível ensinar a Matemática Financeira de maneira eficaz e ajudar os alunos a desenvolver habilidades de tomada de decisões financeiras responsáveis.

4. PROPOSTAS DE ATIVIDADES

A Matemática Financeira é uma área que permite a integração de conhecimentos matemáticos com conceitos práticos de economia e gestão financeira, proporcionando aos estudantes uma compreensão mais profunda sobre o funcionamento do mercado e a gestão de recursos, o que se enquadra com a Educação Financeira. Para promover uma aprendizagem significativa e contextualizada, é essencial a implementação de atividades práticas e interdisciplinares que utilizem jogos, projetos práticos e visitas como ferramentas didáticas, a fim de que se possa promover uma abordagem lúdica e colaborativa.

4.1. Jogos de tabuleiros e jogos eletrônicos

A Matemática Financeira desempenha um papel crucial no desenvolvimento de habilidades possíveis para a gestão eficaz dos recursos econômicos. No entanto, ensinar conceitos financeiros pode ser desafiador, especialmente quando se busca envolver diferentes públicos de maneira significativa. Neste contexto, os jogos de tabuleiro e os jogos eletrônicos surgem como ferramentas inovadoras, proporcionando um ambiente lúdico para a aprendizagem de conceitos financeiros complexos. A seguir, são apresentados dois exemplos de cada categoria que ilustram como esses jogos podem ser usados para esse propósito correlacionando os conceitos de Matemática Financeira com os de Educação Financeira.

4.1.1. Banco Imobiliário (Monopólio)

O jogo de tabuleiro Banco Imobiliário (ou Monopólio, como é conhecido em muitos países) é uma ferramenta lúdica e eficiente para ensinar conceitos financeiros básicos, proporcionando aos participantes uma compreensão prática de como funciona o fluxo de caixa, os investimentos, a gestão de investimentos e os riscos financeiros. Ao simular a compra, venda e aluguel de propriedades, o jogo permite que os jogadores experimentem situações econômicas cotidianas e adquiram habilidades importantes

para a gestão financeira pessoal. A atividade pode ser dividida em diversas etapas, cada uma com um objetivo específico que visa promover o aprendizado de maneira divertida e interativa. A seguir vemos uma imagem do jogo:

Figura 1 – Banco Imobiliário



Fonte¹: Site Lost Token

A primeira etapa envolve a preparação do jogo. Cada um começa com uma quantidade inicial de dinheiro fictício, distribuída de acordo com as regras do jogo. A mesa está disposta com o tabuleiro, as cartas de propriedade, os dados e os outros itens necessários. Antes de iniciar, o facilitador pode explicar aos participantes os objetivos do jogo e os conceitos financeiros que serão envolvidos, como fluxo de caixa, pagamento de impostos, compra de propriedades e negociação. Este momento inicial é importante para garantir que todos compreendam as regras e os conceitos básicos antes de começarem a jogar.

Na segunda etapa, os jogadores começam a jogar o Banco Imobiliário, rolando os dados e movendo seus peões pelo tabuleiro. Durante esse processo, eles têm a oportunidade de comprar propriedades, pagar aluguel, pagar impostos e negociar com outros jogadores. A compra de propriedades é uma das etapas mais importantes do jogo, pois os jogadores devem avaliar quais imóveis oferecem os melhores retornos financeiros e como administrar seu capital. Ao comprar propriedades, os jogadores também devem gerenciar o fluxo de caixa, pois precisam garantir que sempre haja

¹ Disponível em: <https://losttoken.com.br/blog/banco-imobiliario-x-monopoly/>

dinheiro disponível para cobrir despesas como aluguel e impostos, além de tomar decisões sobre quando investir ou economizar. Uma parte essencial dessa fase é a gestão de ativos. À medida que os jogadores compram mais propriedades, eles têm a oportunidade de construir casas e hotéis, o que aumenta o valor do aluguel que eles podem cobrar de outros jogadores. Aqui, os participantes aprendem sobre investimentos, avaliando os riscos e os benefícios da expansão de seus ativos. Por exemplo, investir em propriedades mais caras pode gerar um alto retorno, mas também envolve o risco de gastar todo o capital disponível. Os jogadores precisam equilibrar suas finanças para evitar a falência, o que leva a tomar decisões sobre quando é o momento certo para gastar ou economizar.

A terceira etapa é marcada pela negociação entre os jogadores. Durante o jogo, muitas vezes os participantes podem negociar entre si, seja para comprar ou vender propriedades ou para trocar bens com base nas necessidades financeiras. A negociação ensina os jogadores a lidar com estratégias de barganha e estratégias financeiras. Por exemplo, um jogador pode oferecer uma propriedade mais valiosa em troca de várias propriedades menores, dependendo de sua situação financeira. Essa interação incentiva o desenvolvimento de habilidades de negociação e comunicação, ao mesmo tempo em que os jogadores aprendem a avaliar o valor das propriedades e as implicações de suas transações.

Na quarta etapa, os jogadores enfrentam desafios financeiros como o pagamento de impostos, o risco de cair em propriedades de outros jogadores e a possibilidade de serem forçados a vender ativos para cobrir dívidas. Essa fase do jogo reflete a realidade da vida financeira, onde imprevistos podem surgir e decisões inesperadas precisam ser tomadas para evitar prejuízos. A experiência de lidar com essas adversidades ensina aos participantes sobre gestão de riscos e como equilibrar gastos e investimentos para manter a saúde financeira.

Por fim, a última etapa do jogo é a conclusão, que ocorre quando um jogador consegue acumular uma maior quantidade de dinheiro ou propriedades e, assim, se torna o vencedor. Esse momento também é uma oportunidade para discutir as estratégias utilizadas durante o jogo, refletindo sobre as escolhas feitas ao longo do processo. A análise de como os jogadores gerenciaram seu dinheiro, realizaram

investimentos e tomaram decisões financeiras é uma excelente maneira de consolidar o aprendizado e fortalecer os conceitos de finanças pessoais.

O jogo do Banco Imobiliário é uma atividade envolvente que oferece uma experiência prática de aprendizado sobre finanças pessoais. Ao simular uma compra, venda e negociação de propriedades, o jogo permite que os participantes experimentem e compreendam conceitos como fluxo de caixa, gestão de ativos, investimentos, riscos financeiros e a importância da negociação. Dessa forma, os jogadores desenvolvem habilidades essenciais para administrar suas finanças de maneira administrativa e estratégica, tudo de uma forma divertida e interativa.

4.1.2. Jogo da Vida

O Jogo da Vida é uma ferramenta interativa que simula as diversas etapas da vida de uma pessoa, desde a escolha de uma educação até o planejamento da aposentadoria. O objetivo desse jogo de tabuleiro é proporcionar aos participantes uma compreensão das decisões financeiras responsáveis que devem ser tomadas ao longo da vida, além de destacar a importância do planejamento e da gestão financeira em diferentes momentos da jornada pessoal e profissional. A atividade pode ser dividida em várias etapas, cada uma com o objetivo de explorar diferentes aspectos da gestão financeira, como educação, carreira, investimentos e aposentadoria. A seguir vemos uma imagem do jogo:

Figura 2 – Jogo da Vida



Fonte²: Site da Estrela

² Disponível em: <https://www.estrela.com.br/jogo-da-vida-retro-estrela/p>

A primeira etapa do jogo envolve uma escolha de educação e o início da carreira. Os jogadores começam com uma opção de escolha sobre o seu percurso educacional, o que reflete a primeira decisão financeira importante da vida. Eles podem optar por seguir diretamente para o mercado de trabalho ou investir em uma educação superior, que terá custos, mas pode resultar em melhores oportunidades de carreira no futuro. Nessa fase, os participantes aprendem sobre o impacto das escolhas educacionais no desenvolvimento da carreira e nos ganhos financeiros ao longo do tempo. Além disso, esta etapa apresenta os conceitos de empréstimos estudantis, diversificação de investimentos em educação e o valor de uma boa formação.

Após a escolha da educação, a segunda etapa do jogo é marcada pelo início da carreira profissional. Os jogadores começam a ganhar dinheiro, e suas decisões financeiras passam a incluir questões como planejamento de orçamento, gastos monetários e decisões sobre investimentos iniciais. A experiência de simular o início da vida profissional e a administração de um salário permite que os jogadores reflitam sobre a importância de estabelecer um equilíbrio entre os ganhos e os gastos, além de explorar o conceito de fluxo de caixa. Nessa etapa, os participantes também enfrentam escolhas de como gastar ou poupar dinheiro, além de aprender sobre a necessidade de planejamento financeiro a curto e longo prazo.

A terceira etapa envolve decisões relacionadas à compra de bens significativos, como a aquisição de uma casa ou de um carro. O jogo simula a compra de imóveis, o pagamento de hipotecas e os custos associados, como seguros e impostos. Essa fase ensina aos jogadores sobre financiamento de imóveis, taxas de juros, pagamento de parcelas e os efeitos dessas escolhas no orçamento mensal. Ao fazer essas escolhas, os participantes aprenderão sobre o impacto dos empréstimos de longo prazo e como a individualização pode afetar suas finanças a longo prazo. Além disso, essa etapa permite que os jogadores avaliem a importância de fazer escolhas financeiras responsáveis, como a escolha do tipo de imóvel e o planejamento da compra de bens escolhidos.

Na quarta etapa, os jogadores enfrentam a necessidade de planejamento para a aposentadoria. Nessa fase do jogo, as decisões financeiras tornam-se mais focadas em garantir a segurança financeira no futuro, como o investimento em planos de

aposentadoria e a gestão de poupança. Os participantes têm que decidir quanto poupar a cada fase da vida para garantir uma aposentadoria confortável, levando em consideração os imprevistos e as mudanças que podem ocorrer ao longo do caminho. Esta fase ajuda os jogadores a entenderem a importância de se preparar financeiramente para o futuro, destacando o conceito de investimentos de longo prazo, a acumulação de riqueza e o planejamento financeiro para o futuro.

A quinta etapa do jogo simula as fases de vida adulta e de aposentadoria, onde os jogadores enfrentam as consequências de suas escolhas financeiras ao longo do jogo. Aqui, o foco é verificar se os participantes desejam acumular o suficiente para uma aposentadoria tranquila. Dependendo das decisões tomadas nas etapas anteriores, o jogador poderá ter acumulado uma boa quantidade de recursos ou poderá enfrentar dificuldades financeiras. Nessa fase, os jogadores enfrentam o desafio de ver como as escolhas de gasto, investimento e poupança ao longo da vida impactam a qualidade de vida na aposentadoria. O jogo também pode incluir eventos inesperados, como imprevistos financeiros, que podem ensinar aos participantes a gestão de riscos e a importância do fundo de emergência.

A última etapa do jogo é uma reflexão sobre o desempenho financeiro ao longo da vida. Ao final do jogo, os participantes analisam as escolhas que fizeram e como essas escolhas impactaram sua situação financeira geral, incluindo sua qualidade de vida e sua preparação para a aposentadoria. Essa análise final serve como uma reflexão sobre a importância de tomar decisões financeiras informadas e como cada escolha está relacionada ao futuro financeiro.

O Jogo da Vida é uma experiência educativa que ensina aos jogadores como as decisões financeiras que tomam ao longo da vida têm implicações de longo prazo. Ao simular a escolha da educação, a gestão da carreira, a compra de bens, o investimento e o planejamento para a aposentadoria, o jogo proporciona uma visão abrangente da gestão financeira pessoal. A atividade incentiva os participantes a tomarem decisões financeiras responsáveis, ajudando-os a desenvolver habilidades de planejamento, gestão de fluxo de caixa e investimento, essenciais para uma vida financeira bem-sucedida e sustentável.

4.1.3. SimCity

O *SimCity* é um jogo eletrônico de simulação que permite que os jogadores assumam o papel de prefeitos, gerenciando todos os aspectos de uma cidade, desde a alocação de recursos até o planejamento urbano. Os participantes são desafiados a tomar decisões financeiras que impactam diretamente a qualidade de vida dos cidadãos. A atividade pode ser dividida em diversas etapas, cada uma focada em diferentes aspectos da administração pública e da gestão de recursos, proporcionando uma visão abrangente de como as decisões financeiras em larga escala afetam a economia e o bem-estar social. A seguir vemos uma imagem do jogo:

Figura 3 – SimCity



Fonte³: Site EA Games

A primeira etapa do jogo é a construção da cidade. Os jogadores iniciam com uma área de terra vazia e um orçamento limitado. Nessa fase inicial, as decisões financeiras são cruciais, pois os prefeitos devem escolher onde alocar os recursos para garantir o crescimento inicial da cidade. Eles podem decidir onde construir áreas residenciais, comerciais e industriais, levando em consideração o impacto de cada escolha no desenvolvimento da cidade. O planejamento adequado nesta fase envolve o uso equilibrado do orçamento, pois, ao investir em algumas áreas, os prefeitos precisam garantir que os recursos não sejam esgotados rapidamente. Essa fase é

³ Disponível em: <https://www.ea.com/pt-br/games/simcity/simcity>

importante para ensinar os conceitos de alocação de recursos e planejamento estratégico.

A segunda etapa envolve o gerenciamento de infraestrutura e serviços públicos. À medida que a cidade cresce, os prefeitos devem investir em infraestrutura básica, como estradas, transporte público, escolas, hospitais e serviços de segurança, como polícia e bombeiros. Cada uma dessas decisões tem um custo, e os jogadores precisam equilibrar o orçamento para garantir que todos os setores da cidade funcionem favoravelmente. O impacto das escolhas dos prefeitos sobre a qualidade de vida dos cidadãos é evidente, pois uma infraestrutura bem planejada e eficaz resulta em uma população satisfeita e uma economia saudável. No entanto, os prefeitos também enfrentam o desafio de cortar custos e lidar com dívidas municipais, caso os investimentos sejam mal planejados.

A terceira etapa do jogo está relacionada ao gerenciamento de impostos e orçamento público. O prefeito deve tomar decisões sobre os impostos a serem cobrados dos cidadãos e das empresas, o que afeta diretamente as receitas da cidade. Uma taxa de imposto alta pode gerar mais receita para investir em serviços e infraestrutura, mas também pode desmotivar os cidadãos e empresas a se estabelecerem na cidade, retardando o crescimento econômico. Por outro lado, taxas muito baixas podem resultar num orçamento insuficiente para cobrir as necessidades de desenvolvimento e manutenção da cidade. Os jogadores aprendem a importância de manter um orçamento equilibrado e a arrecadação de impostos, a influência do desenvolvimento urbano e a satisfação da população.

Na quarta etapa, os jogadores enfrentam desafios econômicos e imprevistos, como desastres naturais, crises econômicas ou problemas sociais, como desemprego e criminalidade. Durante essas crises, o prefeito deve tomar decisões rápidas para garantir que a cidade se recupere sem comprometer a qualidade de vida. Essas situações simulam a necessidade de gestão de riscos e impacto de eventos inesperados nas finanças públicas. Além disso, os prefeitos precisam avaliar tais eventos relacionados à confiança da população e ao crescimento econômico, ajustando as políticas públicas conforme necessário. O gerenciamento desses imprevistos ensina

aos jogadores a importância de ter reservas financeiras e de serem capazes de se adaptar rapidamente às mudanças econômicas e sociais.

A quinta etapa do jogo envolve a expansão e o desenvolvimento contínuo da cidade. Conforme a cidade se torna mais próspera, o prefeito deve tomar decisões sobre como expandir e diversificar a economia, atraindo mais residentes, empresas e turistas. Investir em novas tecnologias, como energias renováveis ou parques industriais, pode aumentar a eficiência e a sustentabilidade da cidade, mas também exige planejamento financeiro cuidadoso. O prefeito tem de equilibrar os custos de novos projetos com os benefícios a longo prazo, sempre com a preocupação de manter a sustentabilidade financeira e o bem-estar social. Nessa etapa, os jogadores aprendem a importância dos investimentos de longo prazo e de como os projetos de infraestrutura afetam o desenvolvimento econômico.

Por fim, a última etapa do jogo envolve uma avaliação do desempenho financeiro e social da cidade. O prefeito deve analisar o sucesso de suas escolhas, considerando indicadores como satisfação da população, crescimento econômico, qualidade dos serviços públicos e equilíbrio orçamentário. O jogo permite que os participantes avaliem suas decisões financeiras e estratégicas que foram eficazes para criar uma cidade próspera e sustentável. Esse momento de reflexão é essencial para entender a relação entre as escolhas financeiras e o impacto no desenvolvimento urbano e na qualidade de vida dos cidadãos.

O *SimCity* é uma excelente ferramenta educacional que ensina aos jogadores os desafios e responsabilidades de gerenciar uma cidade. Ao simular a construção de infraestrutura, o gerenciamento de impostos, a alocação de recursos e a resposta a crises, o jogo fornece uma visão prática da gestão financeira em larga escala. Os participantes desenvolvem habilidades importantes, como o planejamento estratégico, a gestão de orçamento, a tomada de decisões diante de imprevistos e a avaliação de investimentos a longo prazo, preparando-os para entender as complexidades da administração pública e o impacto das decisões financeiras no bem-estar social e econômico de uma comunidade.

4.1.4. Stardew Valley

O *Stardew Valley* é um jogo eletrônico de simulação que permite aos jogadores administrar uma fazenda, oferecendo uma excelente oportunidade para aprender sobre gestão financeira, planejamento de negócios e estratégias de investimento. Ao cultivar plantas, criar animais e interagir com o mercado, os jogadores desenvolvem habilidades essenciais em economia e gestão de recursos. A atividade pode ser dividida em várias etapas que abordam diferentes aspectos da administração financeira de uma fazenda, promovendo o aprendizado prático sobre como equilibrar receitas, despesas e investimentos para alcançar o sucesso a longo prazo. Vemos a seguir uma imagem do jogo:

Figura 4 – *Stardew Valley*



Fonte⁴: Site Game Games

A primeira etapa do jogo envolve a preparação e planejamento inicial da fazenda. O jogador começa com uma pequena propriedade e um orçamento limitado, o que exige uma escolha de cuidados com as primeiras ações. A etapa inicial consiste em decidir onde investir o capital disponível, levando em consideração a necessidade de melhorar a terra, cultivar plantas e construir instalações básicas, como celeiros e galpões. Durante esse período, os jogadores aprendem sobre a importância da gestão de recursos e como o orçamento inicial influencia as escolhas estratégicas. A escolha dos primeiros cultivos também é fundamental, pois diferentes culturas exigem diferentes investimentos iniciais e períodos de colheita variados. Essa fase é crucial para ensinar o

⁴ Disponível em: <https://www.gamegames.com.br/stardew-valley-collectors-edition-xbox-one>

conceito de alocação de recursos e a importância de tomar decisões financeiras inteligentes desde o início.

A segunda etapa é dedicada à gestão do cultivo e dos animais. À medida que a fazenda cresce, os jogadores começam a plantar sementes, cultivar e cuidar de suas plantações, além de cuidar de animais, como galinhas, vacas e ovelhas. Cada tipo de cultivo e animal tem custos associados à compra, manutenção e cuidados, como sementes, ração e ferramentas. Além disso, os jogadores devem gerenciar o ritmo de trabalho para garantir que todas as atividades sejam realizadas de forma eficiente. A administração da fazenda envolve, portanto, o controle de despesas operacionais e a maximização da produtividade, já que a quantidade e a qualidade dos produtos vendidos no mercado são influenciadas pelas escolhas feitas em relação ao cultivo e criação de animais. Essa etapa ensina aos jogadores como gerenciar o fluxo de caixa e como as decisões operacionais diárias afetam a rentabilidade da fazenda.

A terceira etapa envolve uma interação com o mercado e a venda de produtos. Os jogadores deverão vender suas colheitas e produtos derivados dos animais para gerar receita e reinvestir na fazenda. O mercado oferece preços variáveis para diferentes produtos, e os jogadores precisam entender o conceito de oferta e demanda, ajustando suas produções de acordo com as necessidades do mercado para maximizar os lucros. Além disso, a venda de produtos permite que os jogadores aprendam sobre precificação e estratégias de vendas, já que alguns itens podem ter um valor mais alto dependendo da época do ano ou da qualidade. Nessa fase, os jogadores também enfrentam a necessidade de equilibrar a venda imediata de produtos com o investimento a longo prazo, considerando que uma fazenda precisa ser constantemente melhorada para garantir a competitividade e a sustentabilidade financeira.

A quarta etapa é focada no planejamento de investimentos e melhorias. Para expandir a fazenda e aumentar a produção, os jogadores precisam investir em melhorias, como a construção de novos edifícios, a compra de máquinas para facilitar o trabalho e o aprimoramento das ferramentas. Esse processo envolve decisões financeiras sobre empréstimos, poupanças e reinvestimentos, já que as melhorias excluem capital que pode ser obtido através da venda de produtos ou através de empréstimos, que devem ser pagos com os lucros obtidos. Nessa fase, os jogadores

aprendem sobre decisões de investimento, como priorizar quais melhorias são mais urgentes ou vantajosas para o crescimento da fazenda. Como as melhorias têm um grande impacto na produtividade, mas é preciso avaliar o retorno sobre o investimento de cada decisão.

A quinta etapa do jogo envolve o gerenciamento de despesas e a resolução de imprevistos. O jogador deve lidar com uma série de despesas imprevistas, como falhas na colheita, problemas com os animais ou até mesmo mudanças nas condições climáticas que afetam a produção. O planejamento financeiro se torna essencial para que uma fazenda continue funcionando de maneira rentável, mesmo diante desses desafios. Os jogadores aprendem a importância de manter um fundo de emergência e de contingências planejadas para garantir que uma fazenda possa se recuperar de eventos inesperados sem comprometer sua sustentabilidade financeira. Além disso, a gestão das finanças diárias, como o pagamento de contas e manutenção de equipamentos, é crucial para o sucesso a longo prazo.

Por fim, a sexta etapa envolve a expansão da fazenda e a diversificação das atividades. À medida que os jogadores acumulam mais recursos, podem explorar novas áreas de cultivo, adquirir mais animais e até abrir novos negócios, como produção de produtos artesanais ou participação em feiras e mercados locais. A diversificação das atividades é uma estratégia importante para aumentar as fontes de receita e reduzir os riscos financeiros. Os jogadores aprendem a importância de estratégias de diversificação e como expandir os negócios de maneira equilibrada, sempre considerando os custos e benefícios de cada nova área de investimento.

O *Stardew Valley* é uma ferramenta envolvente que ensina conceitos financeiros importantes, como gestão de recursos, planejamento de negócios, investimentos, controle de fluxo de caixa e estratégias de vendas. A atividade permite que os jogadores experimentem, de maneira prática e divertida, os desafios de administrar uma fazenda e tomem decisões financeiras que afetam o crescimento e a sustentabilidade do negócio. Por meio desse processo, os participantes desenvolvem habilidades de economia prática, aprendendo a equilibrar receitas e despesas, priorizando investimentos e reagindo a imprevistos, elementos essenciais para o sucesso em qualquer tipo de empreendimento financeiro.

Tanto os jogos de tabuleiro quanto os jogos eletrônicos podem trazer uma abordagem inovadora e eficaz para o ensino de conceitos financeiros. Ao envolver os estudantes em cenários práticos e com desafios, essas ferramentas educacionais promovem uma compreensão mais profunda de conceitos como gestão de recursos, planejamento financeiro e investimentos. Nesse sentido, é interessante que o professor proporcione situações de aprendizagem em que os alunos possam pensar e refletir para a construção do seu próprio aprendizado. Despertar nos alunos o questionamento sobre ser melhor comprar à vista ou a prazo inserido em um problema contextualizado, por exemplo, possibilita aos alunos se apropriarem deste problema e utilizarem dos seus conhecimentos matemáticos para tomarem uma decisão de compra após uma avaliação dos juros que estão envolvidos nas duas propostas apresentadas (Viana; Lozada, 2022).

Assim, incorporar jogos lúdicos na Educação Financeira não só facilita a aprendizagem, mas também motiva os indivíduos a aplicar esses conhecimentos em suas vidas cotidianas, preparando-os para tomar decisões financeiras informadas e responsáveis.

4.2. Projetos práticos

A gestão financeira pessoal é uma habilidade crucial na atualidade, especialmente em um contexto econômico global caracterizado por incertezas e desafios constantes. A implementação de projetos práticos que abordem temas como orçamento familiar, consumo consciente e investimentos – como os que serão apresentados neste tópico – é essencial para promover a educação financeira e garantir um futuro mais estável e próspero para as famílias.

4.2.1. Oficina Orçamento Familiar

A Oficina Orçamento Familiar é um projeto prático desenvolvido para capacitar os estudantes na gestão eficiente dos recursos financeiros de suas famílias, fornecendo conhecimentos e ferramentas que facilitam a elaboração e o controle de um orçamento

doméstico. A atividade é estruturada em diversas etapas, cada uma com o objetivo de garantir a compreensão e a aplicação prática dos conceitos financeiros. A oficina busca oferecer uma experiência de aprendizagem interativa e personalizada, adaptada às necessidades específicas de cada participante.

A primeira etapa é a introdução e conscientização, onde os estudantes são apresentados aos conceitos básicos de orçamento familiar. Essa fase inclui explicação sobre a importância do controle financeiro pessoal e os benefícios de manter um orçamento equilibrado. São discutidos os principais desafios financeiros enfrentados pelas famílias e como a elaboração de um orçamento pode ajudar a superá-los. Durante esta etapa, são utilizados exemplos práticos e estudos de caso para ilustrar os impactos positivos de uma gestão financeira eficiente.

Na segunda etapa, determinação do mapeamento de receitas e despesas, os participantes são orientados a identificar e registrar todas as fontes de receitas e os tipos de despesas monetárias. Essa fase é fundamental para criar uma visão clara da situação financeira da família. Com a ajuda de planilhas e aplicativos de controle financeiro, os participantes aprendem a categorizar e analisar suas despesas, diferenciando entre gastos fixos, variáveis e discricionários. Esse processo ajuda a identificar áreas onde é possível reduzir custos e economizar.

A terceira etapa é focada na elaboração do orçamento familiar. Com base nas informações coletadas na etapa anterior, cada estudante é guiado na criação de um orçamento personalizado, que reflete sua realidade financeira. Os participantes aprendem a definir metas financeiras de curto e longo prazo, alocando recursos de maneira eficiente para atender às suas necessidades e objetivos. A oficina ensina técnicas de planejamento financeiro, como o uso de metas de poupança, a reserva para emergências e o planejamento de grandes despesas futuras.

A quarta etapa envolve a implantação e envio do orçamento. Os estudantes são incentivados a fazer em prática o orçamento elaborado, monitorando regularmente suas receitas e despesas. Essa inclui atividades em grupo e acompanhamento personalizado, onde o professor oferece suporte contínuo e orientações para ajustar o orçamento conforme necessário. Estudos de caso são utilizados para discutir diferentes cenários financeiros e como lidar com imprevistos ou mudanças na situação econômica.

Por fim, a quinta etapa é dedicada à avaliação e *feedback*. Os estudantes refletem sobre o processo e os resultados alcançados, compartilhando suas experiências e desafios enfrentados durante a melhoria do orçamento. Essa etapa permite identificar áreas de melhoria e fortalecimento dos conhecimentos adquiridos. O *feedback* do professor e dos alunos é utilizado para ajustar as estratégias de gestão financeira e promover a continuidade da prática do orçamento familiar.

A Oficina Orçamento Familiar é uma iniciativa estruturada para proporcionar um aprendizado prático e eficaz em gestão financeira. Ao seguir essas etapas, os alunos são capacitados a elaborar e manter um orçamento adequado à sua realidade, promovendo uma gestão financeira mais consciente e equilibrada, com o objetivo de alcançar estabilidade e prosperidade a longo prazo.

4.2.2. Projeto Consumo Consciente

O Projeto Consumo Consciente é uma iniciativa educativa que busca sensibilizar os estudantes sobre a importância de adotar práticas de consumo mais responsáveis e sustentáveis. O projeto está estruturado em cinco etapas, cada uma projetada para desenvolver uma compreensão crítica dos impactos do consumo no meio ambiente e na sociedade, e para promover hábitos que contribuam para um futuro mais sustentável.

A primeira etapa do projeto é uma introdução ao conceito de consumo consciente. Nesta fase, os estudantes participam de palestras que explicam o significado de consumo responsável, abordando temas como a relação entre consumo, desperdício e impacto ambiental. São apresentados dados e estudos que ilustram a gravidade dos problemas causados pelo consumo excessivo, como a poluição, a degradação ambiental e as mudanças climáticas. A introdução visa criar uma base de conhecimento sobre a necessidade de compensar os hábitos de consumo e a importância de fazer escolhas mais conscientes.

Na segunda etapa, denominada análise crítica das práticas de consumo, os estudantes participam de *workshops* interativos que exploram os impactos sociais e ambientais das escolhas de consumo. Durante esses *workshops*, são discutidos temas

como a reutilização de materiais, a redução do desperdício e o impacto da produção e descarte de produtos. Os estudantes são incentivados a refletir sobre seus próprios hábitos de consumo e a identificar áreas que podem fazer mudanças para reduzir seu impacto ambiental.

A terceira etapa foca na capacitação para escolhas seguras. Nesta fase, os estudantes aprendem a avaliar produtos e empresas com base em critérios de sustentabilidade e responsabilidade social. São introduzidos conceitos como certificações ambientais, comércio justo e práticas empresariais éticas. Por meio de atividades práticas, os estudantes desenvolvem habilidades para considerar produtos sustentáveis e tomar decisões de compra que apoiem empresas comprometidas com a responsabilidade social e ambiental.

A quarta etapa envolve uma implementação de práticas sustentáveis no cotidiano dos estudantes. Eles são desafiados a aplicar o conhecimento adquirido em sua vida diária, adotando práticas como a reutilização de materiais, a redução do desperdício de alimentos e a escolha de produtos com menor impacto ambiental. Para apoiar essa transição, são realizadas dinâmicas em grupo e atividades de acompanhamento, onde os estudantes acompanham suas experiências e discutem os desafios e sucessos encontrados ao implementar práticas de consumo consciente.

Por fim, a quinta etapa é dedicada à avaliação e disseminação do conhecimento. Os estudantes são incentivados a refletir sobre o que aprenderam e como suas escolhas de consumo impactam suas vidas e a comunidade ao seu redor. Esta etapa inclui a elaboração de projetos ou apresentações para que os estudantes façam suas descobertas e promovam a conscientização sobre o consumo sustentável entre seus pares e a comunidade escolar. Essa abordagem reforça o aprendizado e incentiva a continuidade das práticas sustentáveis.

O Projeto Consumo Consciente é uma atividade abrangente que busca não apenas educar os estudantes sobre os impactos do consumo, mas também capacitá-los a fazer escolhas mais responsáveis e atuar como agentes de mudança em suas comunidades. Ao seguir essas etapas, o projeto promove uma transformação nos hábitos de consumo, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e comprometidos com a sustentabilidade do planeta.

Ao focar em consumo consciente e investimento, esses projetos representam uma estratégia integral para a promoção de uma gestão financeira mais eficaz. Essa metodologia prática não apenas facilita a compreensão dos conteúdos, mas também capacita os indivíduos ao oferecer ferramentas e conhecimentos que lhes permitem uma maior autonomia na gestão de suas finanças pessoais. Para Viana e Lozada (2022, p. 22):

Propostas dessa natureza promovem maior engajamento dos alunos porque os aproximam da realidade que os cerca e que os impacta diretamente. São meios frutíferos e democráticos para ampliar a conscientização dos alunos sobre a sua participação na discussão de problemas sociais e econômicos que geram desigualdades, procurando compreendê-las e enfrentá-las, fortalecendo a formação cidadã.

Além de auxiliar os estudantes na organização das finanças de suas famílias, tais iniciativas contribuem para a construção de uma sociedade mais consciente, equilibrada e preparada para os desafios financeiros do futuro. Como bem lembram Costa Rosa e Costa (2023, p. 7):

Uma pessoa instruída pode ser capaz de identificar problemas e de propor soluções. Mas para que isso aconteça, não é suficiente que o tema seja trabalhado em cenários fictícios, mais do que isso, as situações propostas precisam estar dentro da realidade do estudante.

4.3. Visitas a instituições financeiras

A Educação Financeira tornou-se um componente essencial na formação de jovens, proporcionando-lhes as habilidades necessárias para gerenciar suas finanças pessoais e entender a complexidade do mercado financeiro. Uma abordagem prática e eficaz para complementar o ensino teórico é a realização de visitas a instituições financeiras. Este texto apresenta três exemplos de visitas que podem enriquecer a compreensão dos alunos sobre a realidade do mercado financeiro, promovendo uma aprendizagem significativa e contextualizada.

4.3.1. Visita aos bancos comerciais

A visita a um banco comercial proporciona aos alunos uma compreensão prática e aprofundada sobre o funcionamento do sistema bancário, permitindo-lhes visualizar

diretamente os processos que ocorrem no cotidiano das instituições financeiras. Ao longo da atividade, os estudantes têm a oportunidade de explorar desde o atendimento ao cliente até a gestão interna do banco, ou que os ajudam a compreender os conceitos financeiros de forma mais tangível e contextualizada. A atividade pode ser dividida em várias etapas, cada uma com um foco específico.

A primeira etapa da visita é uma introdução ao sistema bancário, por meio de uma palestra ministrada por um profissional do banco. Durante esta sessão, os alunos são apresentados ao funcionamento geral das instituições financeiras, compreendendo o papel dos bancos comerciais na economia, a diferença entre bancos públicos e privados, e a importância dessas instituições no financiamento de atividades econômicas e no fornecimento de crédito. Esta etapa inicial fornece uma base teórica necessária para que os alunos entendam os processos que serão detalhados nas etapas seguintes.

Na segunda etapa, os alunos têm a chance de acompanhar as operações bancárias diárias que são essenciais para o funcionamento do banco. Isso inclui a observação do processo de abertura de contas correntes e de poupança, a realização de depósitos e saques, e a concessão de empréstimos. Durante essas observações, os profissionais do banco explicam como são feitas as análises de crédito, quais critérios são considerados para a aprovação de financiamentos e como as taxas de juros impactam as transações financeiras. Esse momento é crucial para que os alunos compreendam como as decisões financeiras influenciam tanto os clientes quanto a instituição.

A terceira etapa envolve uma interação direta com profissionais do banco, o que permite aos alunos dúvidas e aprender mais sobre os produtos financeiros oferecidos pela instituição. Nesse momento, os estudantes podem entender melhor as opções de contas, investimentos, cartões de crédito, seguros e outros serviços financeiros disponíveis para os clientes. Além disso, os profissionais do banco podem explicar a importância do crédito responsável e como o comportamento financeiro de um indivíduo pode afetar sua saúde financeira. A discussão sobre a gestão de dívidas, a importância do planejamento financeiro e o uso consciente do crédito é fundamental para promover a educação financeira e criar hábitos saudáveis entre os alunos.

Na quarta etapa, os alunos são apresentados a produtos financeiros para a poupança e o investimento. São explicados os diferentes tipos de investimentos oferecidos pelo banco, como poupança, fundos de investimento e títulos públicos, além das vantagens e riscos de cada um. A explicação sobre as taxas de juros, tanto para empréstimos quanto para investimentos, também faz parte dessa etapa, proporcionando aos alunos uma compreensão sobre como esses fatores influenciam as finanças pessoais e os resultados econômicos. Essa etapa é importante para que os estudantes possam visualizar o funcionamento dos produtos de investimento e como podem ser utilizados para alcançar objetivos financeiros de longo prazo.

Por fim, a visita se encerra com uma discussão sobre o papel dos bancos na economia. Os alunos aprendem como as instituições financeiras são fundamentais para a circulação de recursos e o financiamento de empresas, além de entenderem o impacto das políticas monetárias e da inflação sobre o mercado bancário. O papel dos bancos na estabilidade econômica também é abordado, assim como as implicações das decisões bancárias nas economias locais e globais.

Essa experiência prática não só ajuda os alunos a entender conceitos como taxas de juros, poupança, crédito e investimentos, mas também destaca a importância da gestão financeira pessoal. Ao observarem as operações bancárias e interagirem com os profissionais do banco, os estudantes adquirem um conhecimento prático sobre o funcionamento do sistema financeiro e a importância do uso responsável dos serviços bancários, elementos essenciais para a formação de cidadãos conscientes e preparados para lidar com sua vida financeira de maneira eficiente.

4.3.2. Visita à Bolsa de Valores

Uma visita virtual à Bolsa de Valores pode ser uma excelente oportunidade para estudantes compreenderem de forma imersiva o funcionamento do mercado de capitais e a importância das negociações financeiras para a economia nacional. Essa experiência educacional pode ser realizada de maneira remota, utilizando tecnologias digitais que possibilitam aos alunos explorar e interagir com o ambiente financeiro sem a necessidade de mobilidade física. A proposta consiste em uma atividade que simula

uma visita à B3, a principal bolsa de valores do Brasil, oferecendo um aprendizado prático sobre o mercado de ações, investimentos e flutuações econômicas.

A atividade começa com uma palestra virtual ministrada por um especialista do mercado financeiro, que poderá introduzir os alunos aos conceitos fundamentais do mercado de capitais. Durante essa sessão, serão abordados temas como o papel da bolsa de valores na economia, como as ações são negociadas, e o impacto de fatores econômicos e políticos nas flutuações do mercado. Essa fase inicial tem como objetivo fornecer uma base teórica essencial para que os alunos compreendam os conceitos que serão explorados de forma mais prática nas etapas seguintes.

A segunda etapa da atividade consiste em um *tour* virtual pela B3, por meio do *link* <<https://www.b3.com.br/>>. Nesse passeio, os alunos terão a oportunidade de explorar digitalmente o ambiente da Bolsa de Valores, visualizando o pregão eletrônico, os painéis de indicadores econômicos e as áreas onde os investidores institucionais realizam grandes negociações. Durante o *tour*, o facilitador pode fazer pausas para explicar os processos de compra e venda de ações, como as ordens de mercado são realizadas e como os preços das ações são influenciados por eventos econômicos e políticos. Esse formato proporciona uma experiência visual que torna o aprendizado mais dinâmico e atraente.

Em seguida, os alunos participaram de uma simulação de negociação de ações, utilizando uma plataforma digital que replica o mercado financeiro. Nessa fase, os estudantes criaram contas fictícias com um valor inicial de capital e realizaram transações de compra e venda de ações, observando as flutuações dos preços em tempo real. Além disso, eles terão a oportunidade de analisar como mudanças nas condições econômicas, como notícias políticas ou econômicas simuladas, podem impactar o desempenho do mercado. Esse exercício permite que os alunos vivam de maneira prática os conceitos de risco e retorno, fundamentais para o entendimento dos investimentos financeiros.

Por fim, uma atividade culmina com um debate e discussão em grupo, onde os alunos podem refletir sobre suas experiências durante uma simulação de negociação. O debate se concentrará em como as notícias influenciarão suas decisões de investimento, ou que aprenderão sobre os riscos associados ao mercado de ações e

como as variações econômicas impactarão o cenário financeiro nacional. Este momento de troca de ideias é essencial para consolidar o aprendizado e estimular uma reflexão crítica sobre o papel do mercado de capitais na economia.

A proposta de realizar uma visita virtual à Bolsa de Valores oferece uma abordagem inovadora para o ensino de conceitos financeiros, proporcionando aos alunos uma compreensão prática e teórica do mercado de ações. Ao utilizar recursos tecnológicos acessíveis e interativos, é possível tornar o aprendizado mais dinâmico, envolvente e relevante, estimulando o interesse dos estudantes pelo mercado financeiro e incentivando-os a explorar novas possibilidades de conhecimento e carreira.

4.3.3. Visita às Cooperativas de Crédito

A visita a uma Cooperativa de Crédito oferece aos alunos uma oportunidade única de entender um modelo financeiro baseado na cooperação e no mutualismo, em contraste com as instituições financeiras tradicionais. Esta atividade educativa é estruturada em várias etapas, cada uma projetada para aprofundar o conhecimento dos alunos sobre o funcionamento das cooperativas, seus princípios e os benefícios que protegem seus membros e a comunidade.

A primeira etapa da visita é uma introdução ao conceito de Cooperativas de Crédito, onde os alunos participam de uma palestra inicial conduzida por um representante da cooperativa. Nessa fase, os estudantes são apresentados aos princípios fundamentais das cooperativas, como a adesão voluntária, a gestão democrática e a distribuição equitativa dos resultados. A palestra também abordou a diferença entre cooperativas de crédito e bancos tradicionais, destacando a natureza colaborativa e o foco no bem-estar dos membros.

Na segunda etapa, os alunos exploram a estrutura e o funcionamento interno da cooperativa. Eles têm a oportunidade de observar como são realizadas as operações diárias, como abertura de contas, concessão de empréstimos e prestação de serviços financeiros personalizados. Durante essa fase, os representantes da Cooperativa explicaram o processo de tomada de decisão coletiva e a importância da participação

ativa dos membros na gestão da Cooperativa. Esse momento permite que os alunos compreendam como a democracia financeira e a cooperação influenciam as operações e a sustentabilidade da Cooperativa.

A terceira etapa envolve uma sessão interativa com os gestores da Cooperativa, onde os alunos podem fazer perguntas e discutir os benefícios específicos de ser um membro de uma Cooperativa de Crédito. Nessa fase, são apresentados casos práticos de como as Cooperativas ajudam a financiar pequenos negócios, promovem o desenvolvimento local e apoiam projetos comunitários. Os alunos aprendem sobre o papel das Cooperativas na inclusão financeira, proporcionando acesso a serviços bancários para pessoas que, de outra forma, poderiam ser restauradores do sistema financeiro tradicional.

Na quarta etapa, os estudantes participam de *workshops* sobre economia colaborativa e finanças solidárias. Nesses *workshops*, eles exploram conceitos como o impacto social dos investimentos, a responsabilidade financeira coletiva e a importância de práticas financeiras sustentáveis. Atividades em grupo, estudos de caso e simulações são utilizados para ilustrar como as Cooperativas podem ser uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento econômico local e a promoção da justiça social.

Por fim, a visita se encerra com uma reflexão sobre o aprendizado e a aplicação prática dos conceitos planejados. Os alunos são incentivados a pensar sobre como podem aplicar os princípios cooperativos em suas próprias vidas e comunidades. Eles discutem as lições aprendidas sobre economia colaborativa, gestão financeira participativa e a importância de modelos econômicos alternativos que priorizam o bem-estar coletivo sobre o lucro individual.

Esta experiência proporciona aos alunos uma visão prática e teórica abrangente sobre as cooperativas de crédito, inspirando-os a considerar alternativas ao modelo financeiro tradicional. Ao dessa atividade, os estudantes podem desenvolver uma compreensão mais profunda dos valores de cooperação e mutualismo, enquanto exploram como esses princípios podem ser aplicados para promover o desenvolvimento econômico sustentável e a inclusão financeira.

A realização de visitas a instituições financeiras é uma estratégia educativa avançada que complementa o ensino teórico de conceitos financeiros, proporcionando aos alunos uma experiência prática e imersiva. As visitas a bancos comerciais, Bolsas de Valores e Cooperativas de Crédito permitem que os estudantes compreendam a realidade do mercado financeiro, desenvolvam habilidades práticas e cultivem um interesse duradouro pela educação financeira. Isso faz com que o ensino e a aprendizagem dos conceitos financeiros se tornem significativos para o estudante, uma vez que ela passa a ter sentido para ele e o auxilia a compreender o mundo que o cerca, favorecendo a vivência de situações investigativas, de exploração e descoberta (Xaxier; Souza, 2020). Portanto, essas atividades enriquecem a formação dos alunos, preparando-os para tomar decisões financeiras informadas e responsáveis ao longo de suas vidas.

As propostas de atividades práticas para o ensino da Matemática Financeira neste capítulo demonstram uma abordagem inovadora e interativa, proporcionam aos estudantes uma compreensão mais profunda dos conceitos financeiros. Por meio de jogos, projetos práticos e visitas a instituições financeiras, os alunos têm a oportunidade de aplicar teorias em contextos reais e lúdicos, facilitando o aprendizado e o desenvolvimento de habilidades essenciais para a gestão financeira pessoal e profissional. Entretanto, como nos alertam Viana e Lozada (2022, p. 23), é importante destacar que:

(...) assim como qualquer outra proposta de atividade, podem surgir algumas dificuldades em seu desenvolvimento como o tempo de discussão que poderá ser maior ou menor dependendo da recepção do aluno sobre a proposta do professor, que, por sua vez, terá que adaptar e corrigir as falhas na medida em que estas forem acontecendo, mas algumas adversidades podem ser previstas como: o desinteresse dos alunos, a falta de desenvoltura para discutir ou até mesmo a falta de disposição para participar das aulas.

Ou seja, essas possíveis adversidades apontadas pelos autores podem comprometer o sucesso da atividade, exigindo do professor não apenas habilidades pedagógicas, mas também uma sensibilidade para motivar os alunos e criar um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e estimulante. Portanto, é importante que haja uma abordagem adaptativa e proativa, onde o professor está atento às dinâmicas da sala de aula e disposto a ajustar suas estratégias para superar as dificuldades e maximizar o aprendizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Financeira tem se consolidado como uma competência indispensável na formação integral dos estudantes, respondendo a uma necessidade premente de preparar os jovens para os desafios financeiros que enfrentarão ao longo de suas vidas. O estudo realizado evidencia que, além de proporcionar o conhecimento técnico necessário para a gestão de recursos, a Educação Financeira deve ser capaz de influenciar comportamentos e atitudes, promovendo uma cultura de responsabilidade e consciência econômica. Além do mais a Educação Financeira está diretamente relacionada à Matemática Financeira.

Uma das principais críticas ao ensino atual da Matemática Financeira é sua abordagem tradicional, muitas vezes descontextualizada e centrada na memorização de fórmulas e conceitos abstratos. Essa metodologia, limitada a cálculos e teorias desconectadas do cotidiano dos alunos, contribui para a desmotivação e o desinteresse, dificultando a internalização dos conceitos de maneira significativa. O estudo aponta para a necessidade de uma reformulação desse modelo, propondo a inclusão de práticas pedagógicas que valorizem a contextualização e a interdisciplinaridade, aproximando os conteúdos da realidade dos estudantes e tornando o aprendizado mais relevante e aplicável.

Outro aspecto crucial levantado pelo estudo é a importância de projetos práticos e atividades lúdicas como instrumentos pedagógicos eficazes para o ensino da Educação Financeira. Jogos, simulações e projetos práticos permitem aos alunos vivenciarem situações reais de tomada de decisão, gestão de recursos e planejamento financeiro, tornando o aprendizado não apenas mais interessante, mas também mais duradouro. Essas atividades estimulam a reflexão crítica sobre temas como consumo consciente, sustentabilidade financeira e a importância de uma boa gestão de crédito, preparando os jovens para lidar com desafios econômicos de forma proativa e responsável.

Este trabalho também destaca a necessidade de uma formação contínua e adequada para os educadores. A capacitação docente deve ser orientada para o desenvolvimento de habilidades pedagógicas inovadoras, que integrem a Educação

Financeira às demais disciplinas de maneira transversal e contextualizada. A disponibilização de recursos didáticos adequados e atualizados é igualmente fundamental para apoiar os professores nessa tarefa, garantindo que eles disponham das ferramentas necessárias para promover um ensino de qualidade que atenda às demandas contemporâneas.

Além disso, a inclusão da Educação Financeira no currículo escolar tem um impacto significativo na formação de cidadãos mais conscientes e preparados para contribuir positivamente para a sociedade. Ao compreenderem a importância de conceitos como poupança, investimento e crédito, os estudantes não só adquirem habilidades práticas para a vida, mas também desenvolvem uma visão crítica e ética sobre o papel do dinheiro na sociedade. Isso é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa, equilibrada e economicamente sustentável.

Devido à limitação de tempo para a realização deste trabalho, não foi possível conduzir um estudo de campo que permitisse analisar o posicionamento de professores e alunos quanto à importância da Educação Financeira no Ensino Fundamental, bem como seu comportamento em relação à aplicação prática desse tema em sala de aula. Todavia, essa limitação pode ser superada em pesquisas futuras.

Por fim, podemos afirmar a Matemática Financeira é uma ferramenta poderosa para capacitar as novas gerações a enfrentarem os desafios econômicos de maneira informada e responsável e auxiliá-los na compreensão de temas de Educação Financeira. A implementação de metodologias mais dinâmicas, a valorização da prática contextualizada e a formação contínua dos educadores são passos essenciais para alcançar esse objetivo. Assim, espera-se que os resultados deste estudo possam servir de base para futuras políticas educacionais e para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que promovam uma Educação Financeira mais eficaz, contribuindo para o fortalecimento de uma sociedade mais consciente e preparada para os desafios do futuro.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. L.; CARRIÃO, A. A contextualização das atividades nos livros de matemática. **Revista Brasileira de Educação Matemática**, ano 4, n. 15, n.p, dez. 2019. Disponível em: <<https://rbeducacaobasica.com.br/2019/12/19/a-contextualizacao-das-atividades-nos-livros-de-matematica/>>. Acesso em: 10 jan. 2025.
- ALAGOAS. **Lei n.º 8.992**. Maceió, 2023. Disponível em: <https://sapl.al.al.leg.br/media/sapl/public/normajuridica/2023/2676/promulgacao_lei_no_8.992-2023_pl_no_233-2023_-_educacao_financeira-.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2025.
- ANDRADE, F. G. et al. Educação financeira no ensino fundamental: uma revisão bibliográfica e proposta de ensino. **Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana**, v. 12, n. 2, p. 1-17, jul. 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.51359/2177-9309.2021.250435>>. Acesso em: 10 jan. 2025.
- ANDRADE, P. H. Contextualização da matemática financeira com noções de mercado financeiro: uma proposta de ensino crítico e ativo no ensino médio. **ACTIO: Docência em Ciências**, v. 5, n. 3, p. 1-17, set./dez. 2020. Disponível em: <<http://periodicos.utfpr.edu.br/actio>>. Acesso em: 10 jan. 2025.
- AVELAR, W. S. A importância da matemática financeira nos anos iniciais do ensino fundamental. In: Farias, B. M. de (Org.). **Entre saberes e inovação: um olhar multidisciplinar**. Epitaya E-Books, v. 1, n. 58, p. 287-310, fev. 2024. Disponível em: <<https://doi.org/10.47879/ed.ep.2024984>>. Acesso em: 10 jan. 2025.
- BANCO IMOBILIÁRIO, 2025. Disponível em: <<https://losttoken.com.br/blog/banco-imobiliario-x-monopoly/>>. Acesso em: 10 jan. 2025.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2025.
- _____. **Decreto n.º 7.397**. Brasília, 2010. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7397.htm>. Acesso em: 10 jan. 2025.
- _____. **Decreto n.º 10.393**. Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/decreto/d10393.htm>. Acesso em: 10 jan. 2025.
- BORGES, A. V. O. A importância social da educação financeira: na escola pública, da infância à fase adulta. In: TRINDADE, L. L. et al (Orgs.). **Educação financeira na escola**. Jundiaí: Paco, 2021. p. 129-139.

COMITÊ NACIONAL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA. **Educação financeira nas escolas**: ensino fundamental, v. 7. Brasília: CONEF, 2014.

CONCEIÇÃO, J. S.; JESUS, G. B.; MADRUGA, Z. E. F. Contextualização no ensino de matemática: concepções de futuros professores. **Revista da Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática**, v. 6, n. 2, p. 291-309, jul./dez. 2018. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/reamec>>. Acesso em: 10 jan. 2025.

COSTA ROSA, R. L.; COSTA, C. S. A matemática crítica e a educação financeira: compreender, analisar e tomar decisão. **Revista da Sociedade Brasileira de Educação Matemática**, v. 20, n. 01, p. 1-22, jan. 2023. Disponível em: <[10.37001/remat25269062v20id720](https://doi.org/10.37001/remat25269062v20id720)>. Acesso em: 10 jan. 2025.

DIAS, C. R.; OLGIN, C. A. Educação matemática crítica: uma experiência com o tema educação financeira. **Revista Eletrônica de Educação Matemática**, v. 15, n. 1, p. 01-18, maio 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/1981-1322.2020.e70007>>. Acesso em: 10 jan. 2025.

ELOI, E. P. Matemática financeira. In: _____. **Educação financeira nas escolas**: uma proposta de projeto a ser implementado na rede pública estadual de São Paulo. 30 f. 2020. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade Cruzeiro do Sul. São Paulo, 2020. p. 7. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/366956055>>. Acesso em: 10 jan. 2025.

FLORES, E. A. P. Educação financeira: discutindo conceitos básicos a partir de um ensino remoto. In: TRINDADE, L. L. et al (Orgs.). **Educação financeira na escola**. Jundiaí: Paco, 2021. p. 65-75.

JOGO DA VIDA, 2025. Disponível em: <<https://www.estrela.com.br/jogo-da-vida-retro-estrela/p>>. Acesso em: 10 jan. 2025.

LOPES, J. P. S.; MELO, A. G.; REIS, C. C. G. A importância da matemática financeira no ensino fundamental II. **Revista Ciências & Ideias**, v. 15, n. 1, p. 1-16, jun. 2024. Disponível em: <<https://doi.org/10.22407/2176-1477/2024.v15.2507>>. Acesso em: 10 jan. 2025.

MOREIRA, S. et al. Ensino da matemática financeira para alunos do 8º e 9º ano do ensino fundamental: uma proposta na perspectiva da educação matemática crítica. **Revista Espacios**, v. 38, n. 30, p. 8-17, 2017. Disponível em: <<https://www.revistaespacios.com/a17v38n30/a17v38n30p08.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2025.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. Pesquisa científica. In: _____. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2ª ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. p. 41-118.

SANTOS, L. T. S. Educação financeira: uma proposta desenvolvida no ensino médio. In: TRINDADE, L. L. et al (Orgs.). **Educação financeira na escola**. Jundiaí: Paco, 2021. p. 141-156.

SARLO, J. C. Capítulo 2: Educação financeira. In: _____. **Atividades visando à inclusão da educação financeira no currículo de matemática no ensino básico**. 203 f. 2019. Dissertação (Mestrado em Matemática em Rede Nacional) – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Campos dos Goytacazes, 2019. p. 40-66. Disponível em: <https://uenf.br/posgraduacao/matematica/wp-content/uploads/sites/14/2020/02/170460181_JONATAS_CAMPOS_SARLO.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2025.

SILVA, A. F. M. Introdução. In: _____. **A importância da matemática financeira no ensino básico**. 149 f. 2015. Dissertação (Mestrado em Matemática em Rede Nacional) – Instituto de Matemática Pura e Aplicada. Rio de Janeiro, 2015. p. 12-16. Disponível em: <<https://www.docsity.com/pt/docs/a-importancia-da-matematica-3/5544098/>>. Acesso em: 10 jan. 2025.

SIMCITY, 2025. Disponível em: <<https://www.ea.com/pt-br/games/simcity/simcity>>. Acesso em: 10 jan. 2025.

STARDEW VALLEY, 2025. Disponível em: <<https://www.gamegames.com.br/stardew-valley-collectors-edition-xbox-one>>. Acesso em: 10 jan. 2025.

VIANA, S. L. S.; LOZADA, C. O. Uma proposta de atividade de resolução de problemas de educação financeira sob a perspectiva da educação matemática crítica. **Revista de Educação Matemática de Ouro Preto**, v. 4, p. 1-26, dez. 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.33532/revemop.e202222>>. Acesso em: 10 jan. 2025.

VIDIGAL, E. D. C. T.; AMÂNCIO, R. A. De pinho em pinho: educação financeira de alunos do 9º ano do ensino fundamental. **Revista Educação Online**, v. 16, n. 38, p. 339-356, set./dez. 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.36556/eol.v16i38.843>>. Acesso em: 10 jan. 2025.

VIVIANI, A. E. B. Educação financeira: poupar para realizar sonhos! In: TRINDADE, L. L. et al (Orgs.). **Educação financeira na escola**. Jundiaí: Paco, 2021. p. 121-128.

XAVIER, E. D. S.; SOUZA, J. B. Educação financeira nas séries iniciais do Ensino Fundamental: uma experiência com alunos da Escola Dona Antonieta Melges de Camargo. **Revista Científica Multidisciplinar**, v. 06, n. 01, p. 131-146, 2020. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/matematica/educacao-financeira>>. Acesso em: 10 jan. 2025.